

REVISTA

bulunga

novembro de 2024 - número 35



CUIDADO:

TRUMP

VAI TE PEGAR

EDITORIAL

Existem muitos brasileiros que acreditam que Donald Trump, eleito Presidente dos Estados Unidos, conseguirá ajudar a combater a ditadura e a corrupção que tomaram conta do nosso país, cujo governo resolveu instituir a experiência do filme Minority Report, permitindo que as pessoas sejam previamente condenadas e presas, para que não cometam crimes num futuro distante.

Mas não sabemos se Trump conseguirá resolver os problemas de seu próprio país, que vive uma das maiores crises da sua história, e assim temos que enfrentar a nossa realidade com o único recurso que possuímos: o “jeitinho brasileiro”.

A Europa vai mal, a China apresenta os primeiros sinais de fadiga após décadas de crescimento desenfreado e, além disso, a Rússia se perde em um labirinto, depois que arranhou essa guerra contra a Ucrânia, que não acaba nunca.

Alguns analistas do mau agouro afirmam que somente uma Guerra Mundial seja capaz de salvar a situação, pois permitirá que esses países produzam e comercializem armamentos entre seus blocos, e que isso movimente as economias e contribua para a redução da população do planeta.

Mas se não vier a guerra, segundo eles, a tendência é que a fome se alastre de forma pandêmica, culminando com a morte de bilhões de habitantes, ou seja, de um jeito ou de outro, o prognóstico não há de ser nada tranquilizador.

Nós, da Revista Bulunga, sempre procuramos ser “engraçadinhos”, fazendo uso da sátira, da ironia e do sarcasmo em nossos textos mas, neste momento, fica difícil brincar.

Que Deus tenha piedade de nós.

DONALD TRUMP

está de volta

Michel Salomão

Os progressistas dos EUA, também conhecidos como “democratas” ou “wokes”, estavam confiantes de que a troca de Joe Biden pela Kamala Harris, sua Vice, abafaria os problemas de uma administração ineficiente que permitiu o aumento da inflação e do desemprego, além da desmoralização de uma potência mundial que já foi majoritariamente cristã, e que teve que engolir a im-



plantação de uma política favorável ao crime, ao aborto, à liberação das drogas, da pedofilia, dos banheiros mistos e do sexo em público, além de alimentar a contenda, provocando uma polarização generalizada, jogando pobres contra ricos, negros contra brancos, mulheres contra homens e homossexuais contra heterossexuais. Acreditavam que os eleitores norte-americanos eram idiotas, e tentaram promover a festiva institucionalização do caos, mas a reação foi absolutamente contrária, trazendo de volta um conservadorismo que nada mais é do que a tentativa de resgate da normalidade.



No mundo inteiro, essa espécie que antigamente era chamada “socialista” trabalha dessa maneira: corrompe a parcela da população (que nunca passa de 30%) tendente ao hedonismo, promovendo o incentivo ao ócio, com o pagamento de “auxílios” diversos, enquanto a classe média, responsável pelo sustento da nação, é sacrificada com o desenfreado aumento dos impostos, o que inibe a produtividade e leva o país à miséria.

Biden já estava morto, era o Tio Paulo da Casa Branca, mas foi mantido no poder artificialmente, até que a cúpula do Partido Democrata, liderada por Barack Obama, teve a brilhante ideia de lançar a candida-



atrás das grades. O máximo que poderá fazer será impor sanções econômicas para esses países, e nesse bolo há de prejudicar quem nunca apoiou a ação desses criminosos.

Trump quer resolver os problemas dos norte-americanos, e está coberto de razão. Na gestão anterior, prometeu que levantaria um muro sobrenatural, impedindo a entrada dos “cucarachas”, mas é claro que não

tura de Dilma, digo, Kamala, sem que isso fosse submetido a uma convenção, pois era óbvio que ela perderia até para Geraldo Alkimin, o famoso “picolé de chuchu”.

Mas “havia uma pedra no meio do caminho, no meio do caminho havia uma pedra”, e o nome desse tropeço era Donald Trump, que já havia dado mostras de seu estilo, quando governou o país de 2017 a 2020, mas perdeu a reeleição de uma forma tão misteriosa quanto a autoria daqueles que promoveram a invasão ao Capitólio, causando o chamado “efeito manada”, ação que foi replicada em um outro país que tanto conhecemos.

Contudo, Trump não é santo. Ninguém desconhece suas ousadas estratégias para se tornar bilionário, da época em que se aproximou da máfia novaiorquina para obter concessões para suas construções grandiosas, entre outras ações duvidosas que custaram uma fortuna com advogados. Também dizem que ele se envolveu com uma prostituta, comprando o seu silêncio com alguns milhares de dólares custeados pelos cofres públicos. Mas isto não é novidade: em outros países, tem até quem se case com uma, causando prejuízos bem maiores para o Estado.

Tem gente inocente que acredita que Trump poderá mandar prender ditadores de outras nações, mas se fosse fácil assim Maduro, Moralez, Ortega, Kim Jong-un, entre outros, já estariam, há muito tempo,

conseguiu. Desta vez, disse apenas que fechará as fronteiras e deportará os que estão em situação ilegal, o que tem deixado muita gente indignada, pois estavam na boquinha de atravessar o deserto com “coyotes” para se tornarem faxineiros, lavadores de defuntos ou entregadores de pizzas nas terras do Tio Sam.

Porém, essas pessoas não entendem que melhor seria lutarem para a melhoria das condições de seus países de origem, para que não precisassem se submeter a subempregos em terras estrangeiras, mas para isso teriam que combater a tirania de seus líderes corruptos e ditadores, o que parece bem mais difícil do que enfrentar o controle migratório naquele país.

Se acaso Trump não conseguir vencer a crise interna, causada pela incompetência e a sabotagem dos progressistas infiltrados em todos os segmentos, em breve, será a vez dos Estados Unidos quebrarem. Biden, Kamala e seus comparsas quase conseguiram essa façanha em sua gestão. Esperamos que ele encontre uma bela saída.



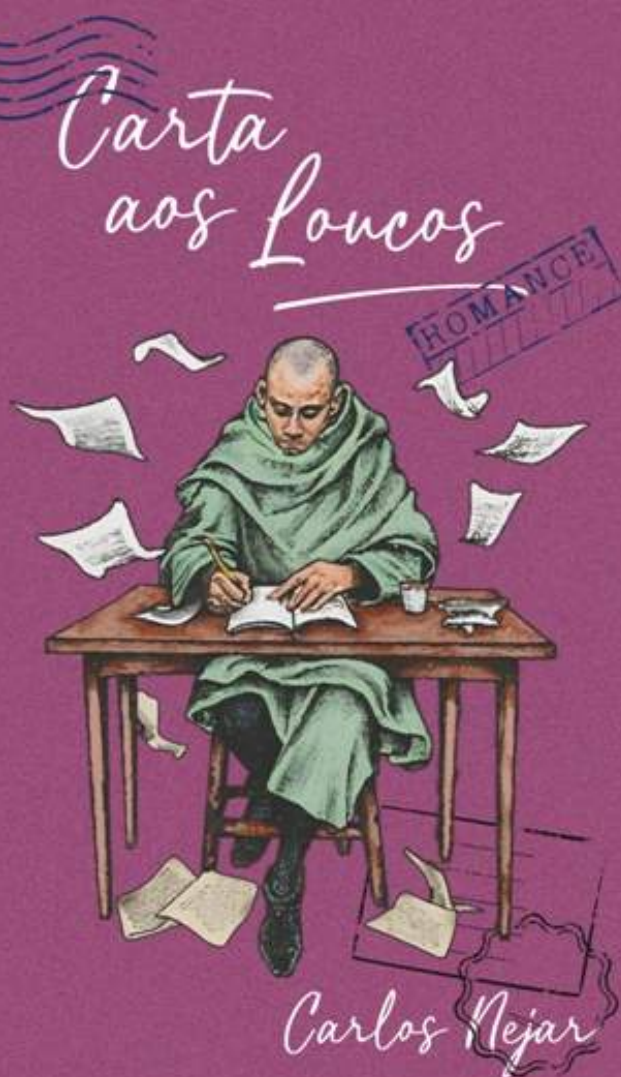
CARTA AOS LOUCOS

por Jorge F. Isah

Tive o privilégio de ler as provas do mais recente livro lançado pela Editora Sator, “Carta aos Loucos”, de Carlos Nejar, pelas mãos do editor e amigo, Felipe Sabino. Conhecedor do meu apreço pela poética do gaúcho, concedeu-me a honra de lê-lo mesmo antes da publicação. E o que dizer da prosa escrita pelo poeta?

O mínimo é que, como sempre, o texto de Nejar é surpreendentemente belo, profundo e reflexivo. Onde as pistas e enigmas, como no desvendar de um mistério, nos revelam por meio dos símbolos, sonhos e pesadelos, alegrias e tristezas, dramas e comédias, o homem em sua essência diametralmente complexa. Constrói-se o integral a partir de fragmentos, reflexos, átimos da intrincada natureza e relações, muitas vezes evidentes e, outras tantas, inexpugnáveis... O leitor não tem a visão geral, do todo, mesmo diante da luz quase a cegá-lo; é necessário tatear, cuidadosa e lentamente a fim de não se ver arrastado para fora da trilha metódica e escavada impecavelmente na palavra. Certamente, não é um livro para o leitor apressado ou displicente, ou algo a se fazer de qualquer maneira.

O fato de Nejar ser principalmente reconhecido por sua obra poética pode levar alguém a deduzir que se trata de um prosista menor, de segunda classe; led engano! As referências, citações e camadas sobre camadas de erudição não o tornam ininteligível, posto ser capaz de “traduzir”



para o leitor o conhecimento e sabedoria e espírito luminares a permear cada frase, parágrafo, página, e encher os nossos olhos mortais dos encantos sobrenaturais. Ele deve ser lido. Tem de ser lido. Pode ser que a luz o sufoque, ou o afogue, caro leitor, porém a palavra estende-lhe a mão e puxa-o ao convés, o lugar seguro, onde poderá descansar a alma e não sucumbir às armadilhas das circunstâncias, do mundo a espreitá-lo, e vir a dizer como o personagem Almado: “Não me afogo”. Porque a palavra é viva e remissória, e envolve-nos em sua maravilhosa graça.

E as coisas grandiosas se embaralham às prosaicas sem que uma cause inveja ou dano à outra, e ambas, em meio às memó-

rias, o discorrer do tempo, a razão e Assombro (nome da cidade onde se desenrola a narrativa e também da esposa do narrador, Israel Rolando, ex-capitão da marinha mercante e, portanto, alusão ao trabalho de conduzir os leitores, tirá-los do emaranhado de conjecturas e instalá-los na sua loucura), amores, perseguições e morte, seja no barulho ou silêncio, começam, desenrolam e se consumam no avassalador amor, sublime, transcendente, divino.

Mas nem tudo são flores. Há, entretanto, o lado menos esperançoso e otimista onde o homem censura, o poder silencia, enquanto se justifica em palavras, e o subterrâneo das consciências é raso, ou profundo demais. No primeiro, está tão visível aos olhos de quem não vê que é impossível notá-lo. No segundo, impossível alcançá-lo. Mas o poeta, sabedor das dores e angustias não se entrega a elas, nem mesmo ao obstinado tempo, onde o espírito não sai ileso, posto

redimido pela palavra, avesso ao tempo, na eternidade. Não se desgruda dele o dizer de Alves: "Estou louco de bem". Até que a paz não seja mais do que o encontro de inúmeras e incessantes batalhas.

Este é um livro do homem, mas também de Deus. Do Deus-Homem. De milagres, gênesis, recomeços e ressurreições. O sarau de ironia, humor e graça, e a destrambelhada loucura, cuja missiva, "Carta aos loucos", é endereçada a mim, a você, a todos que, diante da sabedoria dos homens não conheceu a Deus, e aprouve a ele nos salvar e se fazer conhecido pela loucura do evangelho de Cristo. De forma que a loucura de Deus é mais sábia do que a dos homens, pois se discerne espiritualmente.

Então, tem-se a luz. E ela nada pesa.

Avaliação: (****)

Título: Carta aos Loucos

Autor: Carlos Nejar

Editora: Monergismo (Selo Sator)

Páginas: 180

Em parceria com a Editora Monergismo – "Selo Sator", no próximo mês, sortearemos dois exemplares do novo lançamento de Carlos Nejar, o romance "Carta aos Loucos".

Para concorrer, basta enviar um email dizendo: "Quero participar do sorteio", para revistabulunga@gmail.com

A divulgação com o nome dos ganhadores ocorrerá na Revista de Dezembro/24. Os livros serão enviados pelos Correios sem qualquer custo aos vencedores.

Para mais informações sobre o livro, acesse: editoramonergismo.com.br





Fica muito difícil dizer qual foi o melhor filme de Federico Fellini. Há quem diga que foi “A Doce Vida”, “Oito e Meio”, “Amarcord”, “Giger e Fred”, “E La Nave Va” ou “Casanova de Fellini”, entre outros, que superam a marca dos 23, mas nem todo mundo apreciava o seu estilo particular, recheado de lembranças da infância e de sonhos, com o elenco de apoio quase sempre formado por gente esquisita, que parecia ter saído de filmes de terror.

O maior exemplo foi a obra em que recriou o personagem Casanova (1976) , o grande sedutor de mulheres, vivido magistralmente

FEDERICO FELLINI

por Michel Salomão



pelo ator Donald Sutherland, ao qual foi atribuída uma calvície descomunal, além de um nariz postiço e uma pele extremamente pálida, desfilando em cenários sombrios com sua elegância triste, pelo qual se apaixonavam mulheres desenganadas, até que se encanta com uma boneca de corda, em tamanho real, momento em que ocorre a inesquecível cena de



uma dança, ao som do piano do lendário compositor Nino Rota.

Fellini se casou com a atriz Giulietta Masina, que atuou em vários de seus filmes e, coincidentemente, havia sido colega de teatro de Marcello Mastroianni, um de seus atores preferidos, e os dois chegaram a encenar um hipotético encontro de Ginger Rogers e Fred Astaire já idosos, em “Ginger e Fred”, de 1986.

“A Doce Vida”, de 1960, foi o mais aclamado de seus filmes, marcado pela transição de sua fase neo-realista para a simbolista, estrelada por Marcello Mastroianni e a icônica cena com Anita Ekberg na Fontana di Trevi.



“E La Nave Vá” impressionou a todos com o cenário teatral, com um navio balançado por imensos macacos hidráulicos, rodeado por um oceano de plástico, e o motivo da viagem surreal seria para jogarem as cinzas de uma famosa cantora lírica em torno da ilha onde ela nasceu.

“Oito e Meio”, de 1963, foi outro filme esquisito, bastante autobiográfico, mais uma vez encenado por Marcello Mastroianni, que vive o papel de um diretor de cinema que



passa por uma crise de criação. Inicialmente, iria se chamar “A Bela Confusão”, mas acabou ganhando o título que mostrava a quantidade de filmes que Fellini havia feito até aquele momento: oito filmes e meio.

“Amarcord”, de 1973, é o mais autobiográfico de seus filmes, apesar de sempre ter negado, que mostra uma Itália fascista dos anos 1930.



Foi-se o tempo em que o cinema era considerado uma arte, uma imitação da vida, onde os homens eram heróis de verdade, bem diferente do universo da Marvel e da DC Comics, em que super-heróis choram, dão chique, usam lingerie, fazem as unhas e passam batom. Diante desse quadro, nós perguntaríamos, nos reportando ao inesquecível Chapolin Colorado: “e agora, quem poderá nos defender”?

O estranho caso dos Trigêmeos de Neubauer

Jorge F. Isah

Assisti ao documentário “Three Identical Strangers” (Três desconhecidos, ou estranhos, idênticos), dirigido pelo britânico Tim Wardle, filme pré-selecionado na categoria documentários do Oscar, em 2018.

A história macabra de mais um experimento behaviorista, com a premissa de estudar o comportamento humano para criar ou desenvolver o homem perfeito, aquele a ser controlado e condicionado a partir de estímulos com a finalidade de adaptá-lo às novas exigências sociais, e, por que não, governamentais, e outras tantas nas mentes daqueles a reter o poder e dinheiro a qualquer preço. O que são algumas centenas, milhares ou milhões de indivíduos se eles podem servir de ponte ou aprendizado para se “domesticar” e enquadrá-los em um determinado escopo comportamental? Para tanto, através da observação e a repetição de processos mentais e comportamentais é possível “selecionar” os melhores indivíduos, aqueles a responderem positivamente aos estímulos discriminativos e a produzirem uma resposta condicionada. É necessário aceitar e entender o homem como um simples animal, onde sentimentos, emoções, desejos, sonhos, delírios, etc, não passam de um estado, digamos, de “reação abstrata”, e, no fundo, não passa também de uma conduta. Em outras palavras, toda a complexidade humana pode, em última instância, ser reduzida a uma unidade, da mesma forma que ratos de laboratório são estimulados a agirem para um objetivo ou

propósito. A ideia de um homem com corpo, alma e espírito é simplesmente abominável para os behavioristas (assim como a do Deus pessoal), a nutrir a concepção de o homem ser apenas um amontado de átomos e que pode ser “cultivado” como uma plantação de milho ou alface.

Bobby Shafran, Eddy Galland e David Kellman nasceram em Nova York, em 1961, e foram separados e entregues para adoção, segundo critérios traçados pelos psiquiatras Peter B. Neubauer e Viola W. Bernard, em associação com o Centre for the Study of the Family (Universidade de Yale). Nos planos, famílias eram rigorosamente selecionadas, por seus perfis sociais e econômicos, a fim de avaliar os graus de influência, no comportamento dos trigêmeos, dos aspectos genéticos, culturais e sociais. A coisa era tão maquiavélica que as famílias escolhidas precisavam ter uma filha exatamente 3 anos mais velha do que os adotados, o que aconteceu. Nenhum dos pais estava informado sobre o estudo. As avaliações eram realizadas com o intuito de “checar” a adaptação da criança ao novo



lar (algo do tipo “Conselho Tutelar”).

Os cientistas associaram-se ao Jewish Board's Child Development Center e a agência de adoção Louise Wise, que não somente sabiam das intenções do Dr. Neubauer como participaram ativamente na execução do plano sinistro. Provavelmente, muitos dos envolvidos, por serem judeus, tiveram parentes e amigos expostos aos experimentos eugenistas dos nazistas, que também gostavam de gêmeos e, naquele momento, se dispunham a fazer algo tão imoral, antiético e desumano como os seus algozes. Obviamente, não estou a dizer que os judeus são eugenistas, ou os alemães também, ou os cientistas terem um pezinho na sala de controle mundial. Não é isso, mas a questão é de que o poder, o controle e o dinheiro sempre serão os instrumentos a justificar aos maus intentar e executar o mal, seja nazista, comunista, cientista ou serial killer.

Contudo, entrou o fator sobrenatural (para muitos, coincidência), e, em 1980, aos 19 anos, os trigêmeos encontraram-se e sua história percorreu o país e o mundo. Até que o novelo foi se desenrolando e chegou-se, lá pelos idos de 1990, a desbaratar toda a trama arquitetada pela trinca do capeta. Mas já era tarde. Os pesquisadores haviam se precavido, encerrado os estudos com os irmãos após o encontro (ou seria reencontro?) e conseguido uma ordem judicial para manter a pesquisa, relatórios, dados e conclusões em caráter estritamente secreto até 2065, protegidos na Universidade de Yale.

Os pais adotivos, indignados, ao sabermos dos abusos cometidos pelos pesquisadores, buscaram vários escritórios de advocacia para mover ações contra os envolvidos, mas todos se recusaram, alegando situações de “força

maior”, a impedi-los de cumprir suas obrigações. Especulou-se, e não é difícil imaginar o porquê, do envolvimento de influentes fundações e o governo americano. É por essas e outras que não confio em governos e seus agentes, sempre dispostos a “cumprir” a lei, seja ela qual lei for (algo estabelecido pelo positivismo) e, com isso, estamos cercados por demandas judiciosas a “ferrar” com o cidadão comum, sempre com o argumento constitucionalista, igualmente utilizado por nazistas, fascistas, comunistas e governos ditos “democráticos”: “sigo ordens”, “estou cumprindo a lei”, “é o meu dever”, e outras correlatas, independente das suas aplicações serem imorais, antiéticas, desumanas e ilegítimas. Como disse para um amigo, recentemente, e ele se sentiu ultrajado, quase teve um chilique: “se você pensa que o governo trabalha para você, lembre-se: você é quem trabalha para o governo, e grátis”. E assim vale para praticamente tudo, especialmente no campo político e jurídico, onde um alimenta o outro, enquanto o outro regurgita no prato de um, e vice-versa. Se quiser ver o documentário, ele está disponível em várias plataformas de streaming. Os depoimentos dos irmãos, de outros gêmeos lesados por essa máquina pós-Éden, de alguns desejarem tomar o lugar de Deus, ilimitadamente dispostos a ir aonde nenhum homem esteve (assistiam Star Trek?), é capaz de destruir vidas e enredá-las como papel picado e jogá-las no lixo. Há trechos com o depoimento do Dr. Neubauer e outros membros da equipe, e o cinismo e deboche de alguns deles chega a ser irritante, um escárnio à humanidade.

Aqui, nesse ponto, como em outros tantos lugares e épocas, há sempre alguém brincando de Deus. E o diabo foi precursor de todos eles.

Sua carreira na contravenção principiou do princípio: Auxiliar e depois oficial de uma banca de Jogo do Bicho centrada na exata meiotá da Rua da Feira, em Alcântara, bairro que faz as vezes de (maior) centro comercial do município de São Gonçalo.

Dali, acumulou contatos, rabichos e também desavenças.

Aborrecido, o patrão, que não era homem de despachar perdão assim à toa, coube ao contrafeito cupincha juntar seus paninhos de bunda e tocar para Marambaia, onde inaugurou um ferrovelho.

Trabalho pesado, mas sujo só para quem quiser enriquecer rápido. Era caso, e o safardana associou-se a poliças do Sétimo, aquele batalhão o-pior-do-Brasil, num esquema onde todo mundo ganhava.

A corda, desimportando a latitude ou a longitude, sempre se estopora no mesmo ponto: na mão frouxa do mais fraco. E foi assim que, quando babou o esquema, Rogier, pois esse era o nome do bruto, foi curtir uma etapa no frio chão de Água Santa (Deus a tenha, Deus intervenha).

No xadrez, misto de escolinha e engenho de curtir couros, o malandrim foi iniciado num carnaval que desconhecia: as cadeeiras, as Marias-cadeia, as mulheres mal amadas (o desamor começa no espelho, a sociedade só reflete o apurado) ou mal situadas que sentem um prazer ou fissura ou tesão que seja em ir relacionar-se com encarcerados.

Não entremos no mérito da patifaria, mas atemos nosso rumo ao relato: O boapinta filho do bairro Laranjal logo fez valer sua verve de mulherista: acumulou amigas e amores.

Desfeito o prazo de amargar respostas, foi solto o sabiá canoro.

A carteira de trabalho, que entrara em branco no chilindró, no bolso furado de seu dono, em branco ficou, e agora tinha uma carga, carimbo ou tição de fogo com o signo “ # ”, a marca dos “reeducados” pelo sistema.

Por princípios desafeito a armas de fogo e seus muitos usos, o cabrón gonçalense recebeu uma luz enquanto tomava uma

ROGIER, O GIGOLÔ DE PUDORES

Sammis Reachers

baixa renda no fiado, em certo e raro bar amigo: suas amigas de colchão fino de cadeia dariam caldo.

E assim Rogier iniciou o novo negócio: mascate de meninas. Bem, nem meninas assim, que eram todas experimentadas até o quase colapso de suas tarimbadas infraestruturas. Mas não entremos no mérito.

O safardana alugou no bico, na lábia, um ponto ali no Zé Garoto, e deu start na utopia.

O bom filho da terra era inovador, e um avant-garde: Com as entradas da bufunfa, logo saiu do entorno da saia e do barraco de mamãe, e montou casa no Vila Laje, pois dali já sonhava expandir franquia para Niterói, mais rica tanto em cash quanto em otários. Mas a inovação nem foi isso, foi o regulamento que o bixxo fulminou sobre as proletárias: Todas morariam com ele, que nem macho nunca foi pra dar cabo de estripulia dessas, mas era gonçalense: Ao menos a banca de brabo ele sustentava.

E tinha mais: As braçais de cama, algumas mais velhas do que ele, se não todas, tinham que chamá-lo doravante de “Pai”.

Rogier, que se seguisse a fé da mãe não teria tomado fumo na vida e chá de trozoba na cadeia (e que isso se esqueça, fique claro), tinha pundonores:

Fora do trampo, talvez para compensar o sumário dos trajes noturnos, as meninas deveriam usar saias longas, como se crentes. Nada de shortinhos, a peça invencível que “desgraça nossas ruas”, na assertiva Rogieriana. Tinha mais: Rogier não queria funk na casa du-

rante a folga diurna das meninas, “que aquilo não era música” e, agora entrando no mérito, em alguns momentos é mesmo difícil contrariar Rogier. “No máximo um pagodinho”.

Estudo foi pouco, mas o autodidata da vida tinha leitura: aprendera sobre patriarcas e as culturas do Oriente, onde o marido tinha que dar um gordo dote ao pai de sua noiva, para levá-la. O contrário, no mesmo Oriente, acontecia: era o pai da noiva quem dava, em muitas culturas, o dote. Mas Rogier tinha espírito e escolhera seu lado. E mais: como bom pai, ele tinha planos para o futuro de suas rebentas.

E assim o Patriarca do Zé Garoto (ou “Abraão das Potrancas”, segundo certo e malfadado funk que lhe fizeram, à revelia, no malfadado Catarinão), como ficou conhecido, lascou saíotes nas primas suas agregadas e inovou, que era, repito, além de gênio da raça, homem de pudores: mantinha a primeira casa de tolerância do Brasil que funcionava também como agência casamenteira. Logo à entrada, quando apanhavam a comanda, os clientes liam uma inflada (há quem diga fictícia) biografia e eram ainda informados dos dotes e capacidades de cada menina; e o contato extra-prostíbulo, comumente evitado no normal deste negócio, ali era incentivado pelo visionário Rogier, a fina flor do Laranjal.

Ele cumpria seu papel de progenitor e zelador do futuro de suas prebendas: se durante a noite as meninas batiam cartão sem refresco,

de dia eram intrometidas em cursos de culinária e etiqueta, costura overloque e biscuit.

Acha que é piada, amigo leitor? Pois saiba a senhoria que em três anos Rogier, com lucro pessoal e social, casou 27 meninas, livrando-as da torpe lassidão; e em dezembro receberá a moção de Cidadão Benemérito Gonçalense na Câmara Municipal. Só ali dentro Rogier, se desfez dois casamentos, forjou outros quatro; sim, faturou quatro satisfeitiíssimos genros!!!

Uma nota final: semana passada, enquanto fazia uma entrega, encontrei Rogier, luzes no cabelo, tomando um trago (“Cognac Henessy, já bebeu?”) na Praia das Pedrinhas. A nova? O gênio da terra se uniu em consórcio (ele prefere chamar de joint venture) a dois investigadores ou investidores-anjo (!?) da 74ª DP (um deles, o mesmo que o havia guardado anos antes, que mágoa nunca ajudou na política e nem nos negócios). Completando o time, um certo sargento bombeiro “muito bem relacionado, com interlocução até no Alvorada”. A ideia é levar a inovação até Nova Iguaçu, Queimados e Belford Roxo, aquel’outros campos de Marlboro, terras de bambas.

Enquanto eu saía do bar ou gabinete, sorrindo sozinho e admirado, ainda o ouvi dizer: “E, um dia, Brasília”... Ah, Rogier



Sammis Reachers é escritor, poeta e editor
sreachers@gmail.com

O velho e a praia

ParTe X

Jorge F. Isah

— Perdi meu pai... perdi meu pai... —
Ele dizia.

No meio da noite, na calçada, diante de um caminhão do Corpo de Bombeiros, o alerta no alto da carroceria piscava e girava e iluminava boa parte do quarteirão, enquanto do outro lado da rua uma viatura do SAMU estacionava, também com as luzes ligadas, piscando, girando e iluminando muito menos do que o caminhão. Ambas deixavam um fecho quase permanente de luminosidade, na intermitência dos flashes, entremeados entre si, como se fossem um único objeto, a lançar clarões nos paralelepípedos, nas

fachadas, muros, postes e sacos de lixo ainda não recolhidos, e nas 3 ou 4 pessoas a observarem a cena de uma proximidade a indicar algum tipo de convivência entre elas e o rapaz, ou talvez por serem os vizinhos mais contíguos.

— Perdi meu pai...

A voz estava embargada, quase ébria, como em uma peleja, o esforço para desprender-se da boca e alcançar os ares. Ele falava alto, como costumeiramente falava. Diziam ter certo grau de retardamento, nada a impedi-lo de conviver de maneira natural com outros, mas bastaria ver ou ouvi-lo para certificar-se de existir um problema. No geral, era tranquilo,

e se agitava ao falar, na aparente dificuldade em transformar as ideias em palavras, frases, na confusão dos sinais. Por isso, era dado a gestos extremos, forçosos, numa nítida tentativa de complementar aquilo que lhe era penoso e aflitivo na oralidade, e também elevar a voz vários decibéis acima do costumeiro. Para ele era normal, mesmo que fosse exagero à maioria dos ouvintes; o normal sem ser natural, com o tempo, ganhava ares de normalidade forçosa, imperativa. No caso dele, por ser espontâneo e acompanhado de deferência no trato e palavras, logo era assimilado pelos familiarizados com suas atitudes, e até mesmo um novato no ambiente se resignaria aos excessos, caso não fosse um inflexível deficiente e ranzinza.

Abraçou o vizinho, e repetiu mais duas vezes o adágio sinistro, enquanto dois socorristas aproximavam-se.

— É ali! — Apontou para o corredor que levava à porta — É o meu pai...

Nisto, outros dois socorristas da ambulância seguiram os colegas.

— É ali!... É o meu pai...

Voltou-se ao vizinho:

— Perdi... perdi o meu pai...

Abraçou-o novamente, e o outro apenas o acolheu, silencioso. Era evidente a dor do rapaz, não tinha mais ninguém, apenas o velho que raramente saía de casa, raramente era visto, raramente recebia visitas. Alguém disse que era diabético e tinha sérios problemas na coluna, e a movimentação tornou-se quase impossível quando caiu e quebrou a bacia. Desde então ficava praticamente na cama, e o filho era quem fazia a comida, lavava as roupas, arrumava a casa e o levava na

cadeira de rodas para o banho, dia sim, dia não, as vezes tomar sol em frente de casa. Na mente de Antenor, a cena trágica se desenhava: quem cuidaria dele?... Não tinha respostas, mal os conhecia além do falatório árduo e trabalhoso do rapaz nas noites de sexta e sábado, dos pagodes e samba reproduzidos às alturas, dos risos, interjeições e gritos após horas de álcool e asinhas de frago, quando se reuniam para comer e beber, ou melhor, beber e comer, e a coisa toda se fazia estranha em sua corriqueira e vulgar demonstração de sociabilidade, onde o rapaz se movia mais satisfatoriamente do que proseava. Os demais, envoltos em sua aparência inofensiva, tratavam de ameaçar a si mesmos, sem saberem dos riscos aos quais se permitiam.

Se preparava para dormir quando ouviu a sirene e o motor do caminhão. Pensou ser um incêndio, não na sua rua, mas mais abaixo, onde as casas, na proporção do afastamento da orla se depauperavam até o ponto de se amontoarem entre o lixo, o fedor e penúria. A primeira vez em que se aventurou, por acaso, na região baixa da cidade, ficou estupefato, em completa catatonia. Não acreditava nos próprios olhos, diante de tanta miséria, diante de tantas pessoas viverem em estado de completo descuido, e a se imaginar o que as levavam a seguirem ali, em local tão insalubre e cáustico, como vermes de uma barriga enfermiga e árida, sem qualquer ordem ou harmonia, apenas a disposição ao caos. Nunca imaginou tal situação, sequer foi avisado por alguém; nem mesmo os moradores mais antigos arriscaram interromper o silêncio e adverti-lo so-

bre as ameaças aos olhos, à consciência, ao nariz e estômago. Era um tipo de segredo, o código inviolável de jamais tocar no assunto, nem mesmo sob ameaça ou tortura... Ainda havia um rio, negro, denso, pegajoso, a arrastar entulhos e dejetos, quando possível, ou deixá-los lá, a sedimentar o seu leito, de amuradas quebradas, fracionadas, desguarnecidas como provavelmente era a vida da maioria, numa corredeira sem fim e a lugar algum.

Desde pequeno, ainda cursando o ginásio e mesmo antes disso, Antenor ouvia dos professores a máxima: o Brasil é o país do futuro.

Em meio ao ufanismo ingênuo, o descaso com a história, a sucessão de eventos a nos deixar sempre com a ponta do nariz fora d'água, o suficiente para não afogar por completo, em meio à indolência e necessidade quase celular de encontrar um barranco para morrer encostado, como o seu pai dizia crítico, ao avaliar o estado de miserabilidade motivada pela preguiça, o assistencialismo, o jeitinho nacional de se dar bem, de ser trapaceiro e levar a melhor sobre o outro, seja no furto, no roubo ou simplesmente no silêncio de obter algo que não é seu, seja provocando-o ativo ou aceitando-o passivo, a verdade é que, com raríssimas exceções, a maioria se sentia privilegiada quando cultivavam vícios e prejuízos. Era um povo fadado ao desastre, à falência desde o berço. Antenor tinha certeza disso, de haver na massa um desconforto moral a impulsioná-la à imoralidade, à vigarice, ao indecoroso, e ainda se exaltar, bater no peito como se virtude fosse, e sentir-se nobre entre os canalhas, seus pares. Um código anômalo, onde os delitos podiam, a depender do olhar nublado do con-

templador, qualificar um em relação ao outro, numa espécie de valor sem tino, a decifrar apropriadamente o espírito nacional, de o tino ou juízo ser um ultraje, negativo e dispensável.

Não era raro ouvir as mais esfarrapadas desculpas para atitudes escabrosas, quase sempre a colocar uma cereja sobre o monte de estrume e oferecê-lo ao paladar de quem estivesse disposto a ouvir e aceitá-lo. Também não era raro, mesmo entre os piores e mais cruéis bandidos, mascarar suas atitudes, a tentar fazê-las menos pior, quase um favor, e esperar as honras e medalhas que, cedo ou tarde, quase inevitavelmente mais cedo do que tarde, recebiam com afagos, defesas, artigos e reportagens a fazer o amargo doce, e o doce amargo.

Quanto as plagas colapsadas, ao ver dele, não eram a causa da indignação, mas a consequência; assim como o lixo se amontoa, os espíritos se amontoavam também na penúria, antes era o reflexo do distanciamento do homem de Deus, mas especialmente do nativo a considerar-se de Deus quando não era nada além de si mesmo para si mesmo e mais ninguém, por seus méritos de sujeitar-se à vida desgraçada, de orgulhar-se do que não tinha, de ufanar-se pelo que era, e cobiçar veladamente o que não possuía, rindo-se de não tê-lo, mas a tramar anexá-lo.

Entretanto, ali, diante daquela cena triste, ao ver aquele rapaz cujo nome desconhecia, sabia apenas da voz, da rouquidão, às portas de sufocar-se, e da fama de retardado, nada mais os separava. Aquela dor era a sua, sabia como era. Aquelas lágrimas eram suas, também sabia como eram. Aquele lamento era seu, pois sabia como era. Baixou os olhos, e as som-

bras descidas sobre o cimento e asfalto tornavam tudo ainda mais lúgubre, como se as suas almas fossem gêmeas e partilhassem da mesma aflição. Esperou um pouco, sem saber se o melhor era entrar ou ir até o rapaz e colocar-se à disposição. Mas um súbito constranger-se apenas o manteve de pé, a olhar para o cenário e lembrar-se da vez em que foi também atendido por uma ambulância, colocado nela e endereçado ao hospital, onde ficou 36 dias internado, e não esperava sair dele... A verdade é que saiu, e entendia o sentido daquelas coisas, pois foi o momento onde mais se aproximou de Deus e conseguiu, até mesmo na ideia de morte iminente, uma paz nunca sentida. O que diria ao rapaz? Se apresentaria? Um tapi-

nha nas costas e condolências? Mostrar-se-ia curioso, preocupado? Ou a levar confiança à pobre alma consternada?... Não soube o que fazer. No fundo, sabia; não quis se comprometer. Apenas orou em silêncio. Fechou o portão. Entrou em casa. Ligou a TV. Baixinho. Enquanto vislumbrava os flashes das imagens, sem notar o que elas queriam. O peito compungido. E, por pouco, uma lágrima não rolou da represa. Conteve-a. A consciência a retê-la intransigente. Recolhida. Insegura.



Jorge F. Isah é Jornalista, editor e escritor. Autor de "A Bula do Placebo", entre outros livros, todos disponíveis na "amazon.com".
jorgefisah@gmail.com





coluna do

ClodoKill

Fernandes

O PAÍS PRETÉRITO E SEM FUTURO

Tem coisas que a gente ouve e não acredita. Outras, a gente acredita sem ouvir, mas quando ouve, acredita menos ainda ou pensa ter ouvido errado. Ontem, li em um portal as seguintes notícias, sem acreditar no lido e lendo sem acreditar. A primeira é:

O ministro unilateral, unisentencial e unisuperabundal, Alexandre de Moraes, condenou manifestantes do 8/1 a 12 anos de prisão, alegando ataque grave aos poderes, tentativa de golpe de estado e ameaça à democracia, pois, pasmem, foram encontradas armas altamente letais de posse dos manifestantes: estilingues e bolinhas de gude. Se não fosse hilário, seria caso de os togados praticarem haraquiri coletivo, tal a vergonha alheia que senti ao me deparar com tamanha insanidade juridiquês.

Do jeito que as coisas andam, se alguém portar balões de gás e resolver comemorar o aniversário nas cercanias do Planalto, será acusado de terrorismo, caso as bexigas estoureem ao mesmo tempo.

A segunda:

Outro ministro, o “fofinho vermelho”, decidiu retirar de circulação quatro livros de Direito publicados em 2008 e 2009, açodado pelo Ministério Público que, sem ter o que fazer, vive a caçar chifres em cabeça de cavalo. Segundo os procuradores, os livros eram discriminatórios, difamatórios, racistas, misóginos, homofóbicos e, sobretudo, muito bem escritos (essa é a maior de todas as ofensas), por conter em suas páginas expressões do tipo “galinha”, “buraco negro”, “Maria gasolina”, “Gilete”, entre outras menos votadas. Além dos livros serem expurgados, o “fofinho” multou os autores em 150k.

Fico a pensar se o Barrichello resolvesse processar todos que se utilizam do seu nome para zombar lerdos, retardatários, molengas e preguiçosos. Seria o homem mais rico do mundo. E o que dizer da pobre “zebrinha”? Alvo da crítica ferrenha e desproporcional dos jogadores de bicho? Onde está o tal Ministério Público que faz vistas grossas ao vilipêndio da honra dos equídeos?

Enquanto isto, estamos presos neste zoológico, onde o zelador é o único a abrir e fechar o portão, soltando os xenomorfos e lickers, enquanto pandas e bichos-preguiça ficam a ferros.

A terceira é observação:

Ao passar por uma movimentada avenida da Capital, deparei-me com uma fila enorme, dobrando três quarteirões. Na entrada, havia uma aglomeração ainda maior. Gente a acotovelar, empurrar, berrar e uma histeria inominada. Pensei em me informar do que se tratava, mas desisti, porque, normalmente, brasileiro é fissurado em duas coisas: filas e gratuidade. Se é "free", mas tem-se de permanecer horas, dias à espera de algo de que não precisa, às vezes sem sabe o que é, a esperteza nacional aflora e o energúmeno tem de enfrentar gás larimogênio, spray de pimenta, cassetete, sopapos e ser escoraçado como vira-lata; tudo é válido, na ilusão de ser o maioral e não deixar uma migalha sequer ao próximo. Não importa o

que seja, para o que seja, se é mesmo verdade ou pura ilusão. Se tem fila e uma placa com o dizer "grátis", a satisfação é maior do que a de um pinto no lixo. É o êxtase, a apoteose, o nirvana. Nada mais é capaz de fazê-lo feliz, nem mesmo os 120 milhões da megassena, a mesma que certos figurões ganharam, cada um, 56 vezes. Mas como diz aquele ditado: o que para uns é sorte, para outros é a preguiça sem esforço. Mas o esforço é não querer se esforçar, mas acabar por gastar as energias com a promessa de que será fácil, tão fácil, que vale o esforço.

A *Óptica Metrópole*
está de **casa nova!**

NOVO ENDEREÇO

Shopping 5ª Avenida

RUA ALAGOAS, 1314, LOJA 20B SAVASSI

ESTACIONAMENTO GRATUITO RUA ALAGOAS, 1190
TELEFONE (31) 3226.3212 | WHATSAPP (31) 984821525



O enfado, a esquina, a amizade – E o sentido da vida

Sammis Reachers

Aquele dia melancólico, sorumbático, réstia de forças esvaídas. Uma sexta-feira, quem sabe? Um dia enfadante de lidar com enfadantes. De lidar consigo, pois contrário ao que errou Sartre, que dizia que o inferno são os outros, o inferno é o espelho. Ou o primeiro deles.

Aquele momento quando a vida fica esvaziada de sentido, esse sopro pueril. Contando as horas para o fim do expediente, para ir para casa – mas que há em casa? Os mesmos afazeres, projetos e hobbies.

Você sai do trabalho num qualquer centro urbano – Niterói, talvez –, come umas esfihas, pois nem almoço tenciona preparar. Desce do ônibus em sua periferia gonçalense – ou outra à sua escolha –, avança cabisbaixo pelas ruas, torre de melancolia que sinistramente respira e anda. E então, numa curva de esquina, entre uma e outra barricada, encontra um dos velhos amigos. De repente, depois de tanto tempo – nas amizades verdadeiras, você sabe, o tempo é ainda mais relativo que na teoria de Einstein –, num horário tão improvável. A conversa – essa corda invisível de fundar aldeias – se inicia: o crime, a política, a pouca-vergonha,

a graça e misericórdia de Deus, fulano que enfartou, coitado.

E eis que um outro amigo, também de infância e sempre, vem pela mesma rua. Três destinos que há tanto se contemplam, e que em muito já marcharam juntos, em asfaltos e lamaçais, trampos e tretas. E a conversa agora é uma explosão – gargalhadas e mímicas, eventos sujos e hilariantes que só os homens sabem – vergonha nossa! – relatar, anedotas e saudades preenchem duas horas de três homens, em pés numa esquina.

E você vai embora, mas agora a vida, essa vacuidade, está plena de sentido, transbordante de razões para ser.

Se o inferno é o espelho, é sempre o próximo quem poderá quebrá-lo.





TODA VIDA DÁ UM LIVRO

Escrever é melhor do que fazer terapia: você conversa consigo mesmo e não precisa depender da interpretação que um outro doido dará às suas loucuras, nem há de se espantar com o diagnóstico. E também não precisa se preocupar se alguém vai ler ou não: escrever é o que importa.

Toda vida dá um livro. Aconselhei uma amiga a começar a escrever sobre a sua vida, mas ela disse que não teria nada interessante para falar, que era só uma dona de casa atarefada com suas arrumações, com o cuidado com os filhos, com os cachorros, com o marido (nesta ordem), com as compras no mercado, cozinhar, lavar as louças e as panelas, lavar e passar roupas, mal tendo tempo para se cuidar, ficando às vezes duas semanas, ou mais, sem poder lavar os cabelos. Também não usava maquiagem e perdeu a conta de qual teria sido a última vez que fez as unhas.

Disse a ela que algumas mulheres, e talvez até homens, pois podem se interessar sobre esses temas, se identificando com suas rotinas e, principalmente, com os seus pensamentos, críticas, sonhos e decepções.

Mas não deveria ser como um “diário”, com uma lista de atividades cotidianas, pois isso não é trabalho para um escritor: um escritor

vai muito além, e atravessa paredes e telhados, fura buracos e vai parar do outro lado do planeta. E também voa. E como voa.

Tive uma infância entediante. Até os nove anos, os meus pais não me deixavam sair à rua sozinho, pois morriam de medo que eu fosse sequestrado. Era porque teve um caso famoso na época, de um menino chamado Carlinhos, de família rica, mas quem se interessaria em levar um menino pobre como eu, magrelinho e sem graça? Só se fossem vender para um circo, como a atração do “graveto falante”. Mas não daria muito certo, pois, além de tudo, eu era quase mudo.

Também teria muitas experiências para contar sobre as escolas que frequentei, os empregos, o meu casamento, a criação dos filhos, as viagens que fizemos, as furadas em que me meti, os carros bichados que comprei, e todas essas lembranças podem render uma enciclopédia, com tudo guardado em meu HD interno. Basta que eu tenha ânimo para digitar ou ditar, visto que os recursos da Inteligência Artificial permitem uma transcrição quase perfeita, ainda que os exemplares possam ficar esquecidos em uma estante empoeirada, ou na memória de um smartphone ou de um Kindle, até que sejam apagados.

A Descoberta do Outro

Luiz Libório Alves da Silva

Eu, quando criança, andando nos primeiros passos do meu narcisismo, duvidava da existência real das outras pessoas. Era como olhar nos olhos de alguém e não ver ninguém por trás; algo perigoso, que poderia gerar em mim a sensação de que nem todo ser humano sabia existir.

Algo que me encaminhava para o egoísmo. Depois, vim a perceber que tudo o que eu fazia gerava reações nos outros, e interpretei tais respostas como instintivas daqueles que, quando atacados, atacam, e, quando acariciados, acariciam. Isso ainda não provava a existência consciente do outro.

No entanto, com o tempo, vim a perceber que nem sempre o ódio que eu sentia era respondido com mais ódio - e isso me chocou. A figura central dessa compreensão é minha vó Teresa, que já partiu para estar com o Senhor.

Quando eu a tratava bem, ela me amava; quando eu a tratava mal, fazendo birra, ela também me amava! Isso é o que chamamos de mimar alguém, mas, curiosamente, serviu para o propósito maior de me revelar que existe gente atrás dos olhos que me olham.

Serviu para eu descobrir o outro, porque havia uma consciência ali cuidando de mim. Hoje, sendo já homem, percebo que minha vó não era perfeita - mas que o amor é.

Percebo, também, que muitas vezes fiz o contrário que o exemplo amoroso dela me

deu - quantas vezes tratei com desprezo quem só queria me amar!

Mas, assim como a sabedoria da minha vó me ensinou a existência de outras consciências, o meu próprio egoísmo me ensinou a existência daquela que é a grande consciência: Deus.

Se conheci alguém que não tinha seu amor por mim perturbado com más ações, Deus é quem não tem seu amor perturbado por nenhum de nós! Procure por Romanos 8:37-39 na Bíblia.

Deus é inabalável no seu amor por nós. Transformou nossa ira contra Cristo em salvação, por exemplo, e essa é a prova maior da existência de uma consciência por trás dos olhos de Deus.

"Porque o amor cobrirá a multidão de pecados." (1 Pedro 4:8).

Então, ao pensar na própria dor, lembre-se que há outros olhos, de gente igualmente dolorida. Lembre-se, também, que sobre todos nós há o Amor, que nos ama ainda que nós sejamos absoluto ódio contra Ele. Lembre-se da salvação.

"A saber: Se com a tua boca confessares ao Senhor Jesus, e em teu coração creres que Deus o ressuscitou dentre os mortos, serás salvo." (Romanos 10:9).



Luiz Libório Alves da Silva é escritor, poeta e tech writer.
luizliborioalves@hotmail.com

ATÉ OS PATETAS SABEM



Ao assistir um episódio dos Três Patetas (The Three Stooges), em dado momento, Moe e Larry conversam à mesa:

Moe: Só imbecis têm certeza absoluta!
Larry (curioso): Tem certeza?
Moe responde, convicto e enfático: Claro!!

É impossível não rir... A piada da dupla (genial, a meu ver, em sua simplicidade), delinea perfeitamente o erro daqueles que afirmam categoricamente não haver "verdade", mas consideram a afirmação uma verdade, e para piorar mais a situação, uma verdade absoluta. Moe expôs a si e seus pares, ao mesmo tempo, duas coisas:

1) De que estava a afirmar algo quando a sua afirmação dizia não haver algo afirmável ou conhecível. Ao sustentar a impossibilidade de se ter uma certeza absoluta, a própria declaração contradiz o teor do que se é afirmado. Há uma contradição que inviabiliza completamente todo o fundamento da reiteração, admitindo a sua própria ininteligibilidade, como um conceito auto insustentável.

2) Quando diz ter certeza de que somente imbecis têm certeza, Moe se considera ao mesmo tempo imbecil e paradoxal, visto ser impossível ele manter a sua declaração "absoluta" sem dar um tiro no próprio pé.

No mundo pós-moderno, diria quase apocalíptico (ou seria um manicômio?), é impossível não nos defrontar com pessoas a bafejar nossos ouvidos com os seus primores de inteligência e sabedoria, e sair a arrotar, como se tivesse comido algo estragado, suas sandices e remelexos. É quase impossível não se deparar com "convictos" de não haver qualquer base para a certeza, não se deparar com sábios a negar qualquer sabedoria, muito menos não ser exposto aos "rigores absolutos" dos relativistas. Ou seja, o que vale para mim, não vale para você, pois se valesse para você, o que seria de mim?... Mas é assim mesmo; o arrogante naufraga na própria jactância.

Se existe gente que considera funk música, "Barbi" o melhor filme de todos os tempos, o atual presidente um homem ilibado, e o fracasso retumbante sucesso, é bem provável que o jumento deixe de zurrar e comece a chamar todos de "cumpanhero".

Jorge F. Isah

ela não me ama

um conto de MICHEL SALOMÃO



Não havia mais brilho em seu olhar. Sua companheira de décadas já não se orgulhava dos seus feitos, como nos tempos em que garantia sua singela presença na arquibancada para assistir aos jogos do campeonato de futebol da faculdade, ou na comemoração de um novo emprego, uma promoção na carreira, a viagem tão sonhada, a compra de um carro novo ou de um imóvel para a família.

Ficou no passado. Passou a empolgação, e só ficaram as críticas, mas essas eram estúpidas, como o fato de ele ter deixado de guardar a roupa suja no cesto, a toalha úmida esquecida sobre a cama, os pratos com restos de comida na lava-louças, o que lhe fazia lembrar a crise conjugal de Juvenal Urbino e Fermina Daza, por causa da embalagem da pasta de dentes aper-

tada pelo meio, em “O Amor nos Tempos do Cólera”, de Gabriel Garcia Márquez.

Os anos foram se passando e já não tinham sobre o que conversar, pois gastaram todo o repertório com as questões dos filhos, que se casaram e se mudaram para longe, ou com os infortúnios dos parentes, as falcatruas da política, a crise econômica que afetava as compras do supermercado, os acontecimentos da vizinhança, mas nada disso fazia mais parte de suas vidas em comum, e nem se cumprimentavam pela manhã, por entenderem que haviam dormido na mesma cama e não precisariam perder tempo com tais formalidades.

Ela reclamava do seu ronco, e ameaçava dormir em outro quarto, mas também roncava e falava durante o sono, fato que ele jamais mencionara, apesar de, certa noite, ter gravado durante quase vinte minutos, para lhe mostrar depois, mas acabou apagando, pois sabia que isso em nada alteraria a ordem dos fatos relativos à supremacia feminina, nestes tempos modernos.

Numa manhã em que o sol demorou a surgir - o que naquela região montanhosa em que moravam era algo raro, pois tinham a privilégio de ver o astro nascer antes dos outros cidadãos e de vê-lo se pôr mais tarde, assim como a Lua era a vista mais fabulosa daquele lugar -, ele acordou, mas ela permaneceu imóvel, na posição habitual, virada para a parede, com o terço de contas pretas ao lado do copo d'água bebido pela metade e do abajur. Era domingo e normalmente se levantava mais tarde, enquanto ele arrumava a cozinha da noite anterior e preparava o café, mas naquele dia, já passava das 11 horas quando resolveu chamá-la e ela não se moveu. Estava fria. Absolutamente

fria, muito mais do que nos momentos mais decisivos de suas vidas, quando ele ameaçava ir embora e ela ficava muda, apenas esperando que ele “tomasse sua atitude”, como ela mesma dizia.

As mulheres sempre vivem mais do que os homens, e seria natural que ele se fosse antes dela, principalmente pelo fato de ser seis anos mais velho e já ter dado mostras de uma saúde mais debilitada, enquanto ela exalava uma vitalidade excepcional, fazendo caminhadas diárias e se exercitando na academia, ao passo que ele ficava diante da TV, se empanturrando de cerveja e uísque, acompanhados de seus tiragostos preferidos. O médico já o havia alertado que o seu colesterol batia recordes mundiais, que o nível de triglicerídeos causava assombro, e que o resto dos exames eram ainda mais preocupantes, mas ele só desconversava, debochado, dizendo “afastem-se vacas, que a vida é curta”, citando uma frase de seu livro favorito, “Cem Anos de Solidão”.

Ele jamais pensaria em mexer nos guardados da esposa, que ficavam meticulosamente organizados no fundo de seu closet, sob algumas roupas e trabalhos escolares dos filhos, que ela preservava em pacotes hermeticamente fechados, dos quais retirava o ar, pois dizia que assim durariam para sempre. Precisou procurar um documento que seria essencial para a liberação dos saldos das contas bancárias, entre outras providências póstumas, mas acabou encontrando uma foto amarelada em que aparecia abraçada com um homem que nunca vira na vida, e em um canto estava escrito à caneta, com uma letra que não era dele: “te amo”.

Na foto, ela devia estar com pouco

mais de trinta anos, época em que os filhos já estavam na escola, e o homem sorria e a enlaçava pelos ombros, e ela também sorria, como nunca sorriu nas poucas fotos que tirou ao lado do marido.

Sentiu um formigamento nas pontas dos dedos e o ar rareou. Num impulso, saiu procurando em outras caixas alguma coisa que negasse a teoria de Flaubert, mas, por fim, encontrou alguns bilhetes, a maioria escrita em guardanapos, com pequenas mensagens de afeto um para o outro. Ele só assinava A.M., e ela registrava a sua identidade com a marca de um beijo com baton.

Ele conheceria aquela “assinatura” em qualquer parte do mundo, pois era o que fazia nos primeiros anos de namoro, quando lhe enviava cartas apaixonadas, mas que foram ficando menos frequentes após o noivado e nunca mais se repetiram após se casarem.

Durante o longo matrimônio, ele chegou a ter alguns relacionamentos ocasionais, e o mais duradouro foi com uma atriz famosa, com quem ficou cerca de um ano, e com ela frequentou festas e bares como se fossem namorados, mas sempre ficava preocupado com a possibilidade de ser visto por conhecidos, o que nunca ocorreu, e ainda assim evitava tirar fotos junto com ela, sob a justificativa de que não era fotogênico.

Foram mais de quinze o total de amantes ocasionais, mas não amou nenhuma delas. Para ele, foi mais um exercício hormonal, principalmente depois que completou 50 anos e percebeu que a barriga ganhava preocupante volume e a papada sob o queixo começava a se tornar fláci-

da. Mas tinha dinheiro, era o que importava, e desfilava com os carros mais desejados da vizinhança, ostentava em seu pulso relógios caros, anéis imponentes e colares dignos de rappers, o que não combinava com a imagem de um homem de sua idade, mas ele pouco se importava com eventuais comentários. Mas aquele “te amo” na foto fez desmoronar toda a sua vaidade de ancião decadente. Olhou-se no espelho e pela primeira vez se deu conta da profundidade de suas rugas e resolveu retirar a prótese do cabelo, que lhe garantia uma franjinha grisalha, ridícula para a sua idade. Tirou também um brinco de brilhantes que usava desde a adolescência em sua orelha esquerda, o que, segundo ele, representava um grande atrativo para as mulheres, mesmo após entrar na terceira idade. Tirou a camisa, a calça e a cueca. Ficou nu diante do grande espelho do banheiro e percebeu que havia sobrado apenas um farrapo humano.

-Ela não me ama – disse ele para o seu patético reflexo, como se ela não tivesse sido enterrada no dia anterior, quando chorou como uma criança pelo arrependimento de ter falado as coisas erradas nas horas certas, ou por ter deixado de falar as coisas certas nas horas erradas. Pegou um copo de whisky, girou algumas vezes para que o gelo derretesse e tomou o conteúdo de um só gole. Recolocou cuidadosamente a prótese na cabeça, vestiu uma camisa de linho branco, uma calça de sarja bege, um relógio folheado a ouro, um sapato de camurça marrom, pegou a carteira de documentos e cartões, a chave do carro e saiu à rua com o propósito de ir para lugar nenhum.

CARRO NOVO



O cheiro de carro novo pode ser até melhor do que cheiro de bebê. Bebê cheira gostoso, mas é por causa dos sabonetes e cremes que usam nele, ou cheiraria a cocô e xixi. Já o carro novo tem aquele aroma hipnotizante por causa dos componentes altamente tóxicos que utiliza, uma mistura de plásticos, borrachas e tintas, mas ninguém liga para isso, e a indústria de perfumaria ainda tenta, em vão, reproduzir essa fragrância, mas sem sucesso.

Contudo, os carros agora estão todos iguais: a nova moda são os faróis DRL ultrafinos, que ficam acima dos verdadeiros faróis gigantes que tomaram o lugar dos faróis de milha, e na parte traseira existem as lanternas de fita de led, que vão de um extremo a outro da tampa traseira, sendo quase impossível identificar a marca, tamanha a semelhança entre os modelos.

Atualmente, o mais importante parece ser o tamanho do painel multimídia, muito mais do que a motorização ou a autonomia. Algumas chegam a 14 ou 15 polegadas, parecendo um tablet gigantesco colado no painel, e talvez fosse mais barato instalar um IPAD no local. Já se fala, inclusive, em uma nova geração de veículos com tela de 50 polegadas ou mais, que tomará o lugar do vidro frontal, e as pessoas poderão ver o movimento do trânsito virtualmente, em resolução 8K, mas isso há de custar milhares de dólares a mais para os compradores, que não se darão conta de que o velho para-brisa transparente cum-

priria fielmente a sua função original, por muito menos dinheiro.

Além disso, os carros agora oferecem centenas de itens de conforto que a maioria dos donos nem sabem usar, mas que só servem para aumentar o preço final do veículo. Uma conhecida minha ficou olhando para a sua câmera 360° e acabou batendo o carro. Outra, acreditou cegamente na tal “direção autônoma” e foi parar com o seu carro dentro de um lago.

Um carro popular, no Brasil, está custando quase 100 mil reais, o equivalente a 20 mil dólares, ou pouco menos, valor suficiente, em qualquer outro país, para comprar um carro de luxo, e não essas porcarias cheias de plásticos duros em seu interior.





OS ET'S VÃO INVADIR O PLANETA TERRA?

Existe vida inteligente em outros planetas? Pode ser que sim, diferente do que ocorre neste nosso velho e controverso planeta Terra, que é metodicamente destruído por vida não inteligente. Centenas de pessoas, ao longo de décadas, tem jurado de pé junto que já viram OVNI's (Objetos Voadores Não Identificados), que agora receberam uma nova sigla, UAP (Unidentified Aerial Phenomena ou Fenômenos Aéreos Não Identificados). Alguns afirmam que já foram abduzidos e um número seleta garante que já manteve relações sexuais com os seres horrendos.

Uma coisa é curiosa: nos casos das abduções, dizem que os alienígenas geralmente colhem materiais das pessoas abduzidas, enfiando longos tubos pelas narinas ou pelos orifícios inferiores, e depois as devolvem vivas, sem se preocuparem com fato de que as cobaias abrirão o bico, entregando todo o esquema que procuravam ocultar. Se fossem cientistas humanos, certamente, eliminariam as pobres criaturas após estudá-las. Talvez por isso esses ET's sejam denominados "seres inteligentes".

Entre os mais famosos, podemos destacar “O caso Roswell”, ocorrido na cidade homônima no Novo México/EUA, em 1947, quando várias testemunhas teriam supostamente testemunhado a queda e viram os destroços de uma espaçonave, até que o exército apareceu para recolher os supostos cadáveres.

Teve também o caso de Travis Walton, ocorrido no Arizona/EUA, em 1975, que teria sido supostamente abduzido por uma nave espacial, após descer do caminhão em que estava com seis colegas de trabalho, até ser resgatado por um feixe de luz emitido pelo OVNI. Travis só reapareceu cinco dias e seis horas depois, contando a experiência vivida dentro da nave, mas a história não foi bem aceita pelas autoridades que investigaram o caso, que apontaram falhas nos polígrafos que o testaram, e também nos testes de seus colegas.

Outro caso que está dando o que falar, apesar de ter ocorrido em 1989, agora que foi revivido em uma nova série da NETFLIX, “Abdução em Manhattan”, foi a experiência de Linda Napolitano, uma mulher nova-

iorquina que teria sido abduzida em seu apartamento em Manhattan, tendo sido vista por 23 testemunhas enquanto saía flutuando pela janela de seu apartamento, até ser capturada por uma enorme nave especial que tomou conta do céu daquela cidade, durante um apagão, possivelmente, provocado por esse mecanismo alienígena.

Mas não podemos nos esquecer do famoso ET de Varginha, ou melhor “ET’s”, porque teriam sido três, supostamente capturados pela polícia local e pelo exército, na cidade localizada no Sul de Minas Gerais. O mais estranho, neste caso, foram as versões das autoridades para tentarem explicar uma exagerada mobilização da Força de Segurança, com a interdição de várias ruas nas imediações de um hospital, sob a alegação de que um casal de anões teria dado entrada naquela unidade, para um parto de emergência. No dia anterior aos fatos, uma testemunha teria avistado uma nave em forma de charuto pairando no céu de sua fazenda, enquanto várias pessoas narraram ter presenciado a captura de três criaturas, pela polícia e pelo



exército. Mas o mais legal é que um dos supostos alienígenas teria sido flagrado por três meninas que o viram em um lote vago. O bicho teria baixa estatura, tinha uma pele marrom viscosa, como a de um sapo, possuía três protuberâncias na cabeça, semelhantes a pequenos chifres, e exalava um forte cheiro de amônia, que demorou várias semanas para se dissipar.

Não dá para entender a ação das autoridades desses países, de acordo com os relatos dos envolvidos, sempre empenhadas em “abafar” os casos. As versões dadas por essas autoridades para os casos “Roswell”, “Travis” e “Linda” seriam de charlatanismo, histeria, confusão mental, mas ninguém pode negar que o episódio do suposto ET de Varginha, a versão oficial foi absolutamente ridícula e estapafúrdia, acerca do parto da anã.

Alguns estudiosos no assunto alegam que seria impossível que espaçonaves vindas de outras galáxias, ou mesmo da Via Láctea, conseguissem chegar em nosso planeta, pois teriam que assumir velocidades superiores à da luz, sendo que os tripulantes ficariam esmaga-

dos, tamanha a pressão que seria exercida sobre a sua massa corporal.

Alguns acreditam na possibilidade da utilização de “buracos de minhoca”, espécie de portais que permitiram esse deslocamento de forma instantânea, algo parecido com o “teletransporte”. Há os que acreditam que esses seres teriam vindo do futuro, da própria Terra, e que seriam nossos descendentes. Uma última hipótese fala da possibilidade de não passarem de “projeções virtuais”, algo como imagens holográficas, emitidas por seres de outras galáxias para xeretarem as nossas ações.

Existe uma teoria de que os ET's já podem estar circulando entre nós, disfarçados, como no filme “Sob a Pele”, com a atriz Scarlett Johansson. Vejam o exemplo da Ministra Marina Silva: ela não pode ser deste mundo. A Aracy, da Top Term, pode ser outro exemplar, assim como o Manoel Gomes, da “Caneta Azul”. E a Dilma Rousseff? Não há a menor possibilidade de ela ser humana. Não duvidamos que Tiririca e o seu filho Tirulipa também sejam alienígenas. Na dúvida, fiquem atentos a qualquer movimentação suspeita.

Michel Salomão





REPÓRTER RISO

Jorge F. Isah

Este mundo é estranho, não somente no Brasil, apesar de aqui ser provavelmente o local mais bizarro entre todas as mais surreais paragens do globo. Não é exclusividade nossa, mas deve haver o dedinho mindinho do brasileiro nas sandices espalhadas de norte a sul, de leste a oeste, onde o pagode e batuque se misturam aos dois neurônios e provocam um curto-circuito, a levar esse, aquele, e aquele outro, orgulhosos de suas diatribes, vícios e defeitos à placidez desairosa do ócio.

Deixemos a “Banandya” de lado e notemos o que hermanos amarelos, verdes, brancos, pretos e furta-cores aprenderam conosco:

1. Na China, mais especificamente em Hong Kong, existe a “Lei da traição sem perdão”. As esposas são liberadas para matar seus maridos se descobrirem uma traição por parte deles. Ressaltamos que a autorização vale para elas exclusivamente, vedada a hipótese de delegar o poder a terceiros. Não tem essa de contratar jagunço, miliciano ou serial killer para fazer o serviço: tem de ser com as próprias mãos.

Comentário: Se a moda pega e alguém resolve fazer o mesmo com corruptos, corruptores, traidores e lobistas, o que seria de nós? Haveria eleições a cada 15 dias; até o povo se certificar de que Calígula estava certo, e o melhor é nomear cavalos, éguas, porcos e fuinhas para o Planalto, porque de ratazanas ele já está cheio.

2- Aeroporto para alienígenas

Através da Lei Nº 1.840 de 1995, de Barra do Garças (MT), o prefeito criou uma “reserva de área para Aeródromo de Pousos de OVNI's — Objetos Voadores Não Identificados”.

Comentário: Pelo sim ou não, os E.T.'s julgaram prudente não inaugurar o “Aeródromo”; algo lhes dizia que a viagem seria apenas de ida. Se uma cabeleireira foi condenada a 12 anos de prisão por escrever com batom na “Estátua da Justiça”, imagina o que aconteceria com os alienígenas sem C.N.H, DPVAT, seguro obrigatório, autorização para tráfego aéreo e, ainda “por cima”, usando combustível sem adulteração?

3-Japão: “Lei da poça d'água”

Os japoneses são multados se passarem sobre uma poça d'água e molharem um pedestre.

Comentário: Certamente essa lei jamais seria aprovada no Brasil, pois com tantos buracos nas vias públicas, seria fácil apontar a negligência e omissão do Estado como o promotor das “poças”, com a finalidade de angariar impostos. Mas dada a cara-de-pau dos governantes, é bem provável que a responsabilidade fosse transferida dos buracos para a água, e São Pedro se veja em maus-lençóis com a Côte brasileira. Talvez até tirem o seu passaporte e o impeçam de sair do país, o que seria uma estadia no inferno para o santo.

Se você conhece alguma lei esdrúxula, basbaque, ou outro capricho burocrata, mande um e-mail para revistabulunga@gmail.com. Caso não sejamos censurados, prometemos publicar as anomalias sem cortes, não confundir com “sem Côrtes”, por favor.

SENHOR MEU...! É DEUS MEU...!

Natan de Oliveira

...

Fui jantar...

Não sabia que era o último da minha vida...

Súbita e inesperadamente senti uma dor intensa...

Perdi as forças...

E tudo escureceu...

Percebi que alguém me pegava nos braços e me levava para sentar...

Meu fôlego se passava rapidamente e minhas forças se acabavam...

Exceto a dor intensa inicial, eu nada mais sentia...

Então eu vi...

Uma escada que subia ao céu...

Nela eu não precisava subir os degraus...

Uma força me puxava para cima mesmo que nenhum passo eu desse...

Aos poucos a escuridão da minha vista foi aos poucos sendo iluminada por uma luz suave que eu via no topo da escada...

A luz desaparecia nas nuvens...

Que estranho...!

Minha casa não tinha mais telhado...

Fui subindo...

Olhando para cima...

Olhando para a luz...

Abaixo a escuridão do meu desmaio gradativamente se distanciava de mim...

Então lá da base da escada eu ouvi alguém me chamar...

"Paiiiiiii!"

Fui subindo "sem subir" pois a luz que me iluminava das nuvens me puxava independentemente da minha vontade...

"Paiiiiiiiiiii!"

Olhei pra trás...

Na base da escada "eu" estava sentado e com a cabeça apoiado nos braços da minha filha...

Eu tentei chamá-la para dizer que na verdade eu estava ali sobre o telhado da casa subindo e subindo...

Mas uma força não permitiu que a minha voz saísse da minha boca...

"Paiiiiiiiiiii!"

Então sabendo que a força que me conduzia para cima era mais forte...

Eu abanei para a minha filha..!

E que estranho...

Lá na base da escada, "eu" tive um tremor forte no braço inteiro...

"Paiiiiiiiiiii!"

Eu subia e subia e toda vez que eu abanava dos céus...

Sim...

Eu havia alcançado as nuvens...

Toda vez que minha filha me chamava e eu abanava para ela, "meu braço" lá na base da escada, tremia fortemente...

Fui envolvido em nuvens...

Não ouvi mais nada...

Me voltei para o topo da escada...

E luz agora forte e cada vez mais forte...

Repentinamente a escada não existia mais, mas eu ainda subia...

Agora rapidamente...

Não voava pois estava parado em pé estático olhando para cima sem piscar...

Mas era velozmente levado para a luz acima que literalmente me atraía como um ímã...

Então fui revestido de roupas brancas que passaram a esvoaçar ao redor de mim...

Minha testa calva não existia mais e longos e fartos cabelos esvoaçavam sobre a minha cabeça...

Senti que perdia totalmente o peso cansado da minha velhice...

E me senti forte como se tivesse 29 anos novamente...

A luz intensa se aproximando vertiginosamente...

Então um portal se abriu na minha frente...

A luz explodiu na sua maior claridade me cegando momentaneamente...

Então eu O vi...

"... Vestido até aos pés de uma roupa comprida...

... e cingido pelos peitos com um cinto de ouro...

... a Sua cabeça e cabelos eram brancos como lã branca...

... e os Seus olhos como chama de fogo...

... e os seus pés, semelhantes a latão reluzente, como se tivessem sido refinados numa fornalha...

... e a Sua voz como a voz de muitas águas...

... e da Sua boca saía um riso profundo que me cortava de emoção como uma aguda espada de dois fios...

... e o Seu rosto era como o sol, quando na sua força resplandece...

... e eu, quando O vi, caí a Seus pés como morto...

... e Ele pôs sobre mim a Sua mão direita, e me disse...:

... Não temas...!

... Eu Sou o Alfa e o Ômega...

... e o que vivo e fui morto, mas eis aqui estou vivo para todo o sempre...

... Venha! Bendito de meu Pai, e tome posse por herança o teu lugar no Reino que te está preparado desde a fundação do mundo..."

Então eu levantei...

Vi Seu olhar de amor profundo por mim...

Ele se aproximou e me abraçou...

E eu chorei e soluçava abraçado fortemente a Ele...

Ele sorria e com os seus cabelos brancos enxugava dos meus olhos todas as minhas lágrimas...

Então eu O olhei mais uma vez nos olhos...

E mudo até então disse minhas primeiras palavras...

Num idioma que eu nunca tinha aprendido...

Mas que eu sabia (e simplesmente sabia) perfeitamente...

Então eu disse...

"Senhor meu...! E Deus meu...!"



Natan de Oliveira

O CRIME DE 'PENSATIVA'

Um recente episódio envolvendo três oficiais de alta patente do exército e um policial federal, que se organizaram para planejar um atentado contra autoridades do governo, deu origem a um novo tipo penal: "o crime de pensativa". Mas este não é um crime comum, pois se enquadra em situações que envolvem a segurança de autoridades que sequer podem ser molestadas por pensamento.

Porém, o crime de "pensativa de homicídio" poderá enquadrar, inclusive, aquela mãe que se desespera ao ver o vaso caríssimo quebrado pelo filho, quando sai atrás dele, gritando: "ah, eu mato esse mininu".

Crimes como esse devem render uma pena mínima de 50 anos para os infratores, sem qualquer benefício de redução (a lei limita a 30 anos, mas o que importa?), considerando que uma mulher pegou 16 anos de cana só por ter rabiscado uma estátua com batom.

Até então, o que valia era a tentativa, o crime iniciado, e não apenas planejado, com o processo de execução embargado pela ação de terceiros, mas existia ainda as figuras da "desistência voluntária" e do "arrependimento eficaz", que aconteciam quando o autor desistia após o início da execução, como no caso em que o meliante entra na casa da vítima, mas resolve ir embora sem nada levar e ainda deixa uma carta pedindo desculpas e um dinheirinho para pagar pelo estrago na fechadura; porém, tudo caiu por terra, depois desse imbróglio envolvendo autoridades tão importantes: basta pensar em fazer que o sujeito conquistará a condenação eterna.

O pior é que, neste caso, o serviço de inteligência do governo sabia dessa ação há dois anos, pois saíram vasculhando as

mensagens nos celulares de todos os que atuaram na gestão anterior e se tornaram opositores, mas, ainda assim, colocaram os caras para prestarem a segurança a essas e a outras autoridades. Porém, acabaram se cansando da brincadeira, pois os conspiradores não entravam em contato com alguém que eles queriam insistentemente incriminar como sendo o autor do plano, e assim resolveram, finalmente, prendê-los.

O problema é que no Brasil não existe o crime de conspiração, mas isso não há de ser problema, pois basta que uma única autoridade não constituída pelo voto popular decida, mesmo não sendo legislador, mas terá que fazer constar dos autos que "quero que seja assim, pronto e acabou", ou não terá valor legal.

Essa mesma autoridade teria revogado por conta própria o artigo da lei que dizia que "não há crime sem lei anterior que o defina". Afinal, esse texto era muito chato e ultrapassado, e já era hora de alguém mexer nele.

Essa desburocratização é muito positiva, pois, até então, para se alterar uma lei pétrea seria preciso se elaborar uma nova Constituição por inteiro, e isso levaria muitos e muitos anos, o que custaria uma baciada de dinheiro, além de um precioso tempo que poderia ser usado para prender cidadãos pelo crime de pensamento.

Se essa moda pega, mais da metade do povo brasileiro deverá ir em cana, e esse número poderá ser ainda maior se também inventarem o crime de ofensa às mães dessas autoridades.



Michel Salomão é jornalista, escritor, ator, autor e diretor teatral, videomaker, cartunista, roteirista e nas horas vagas faz umas pizzas legais.
mxelbh@gmail.com

OS HUTUS, OS TUTSIS E A RESPOSTA À OPRESSÃO

Luiz Libório Alves da Silva

Abomino a frase "não devemos confundir a reação do oprimido com a violência do opressor" e vou explicar o porquê com um exemplo histórico.

Em 1994, cerca de 1 milhão de pessoas foram assassinadas e por volta de 500 mil pessoas foram estupradas em alguns dias, no que ficou conhecido como Massacre de Ruanda.

Em resumo, isso ocorreu porque a maioria étnica hutu, geralmente inferiorizada pelos colonizadores belgas, se revoltou contra a minoria étnica tutsi - que majoritariamente ocupava os cargos de poder antes da independência do país, ocorrida em 62.

A revolta dos outrora oprimidos hutus, portanto, matou cerca de 70% da população tutsi.

Estou dizendo isso porque a relação "oprimido vs. opressor" facilmente se inverte quando há legitimidade ideológica para a barbárie.

Levando isso em consideração, o opressor do passado se torna o oprimido do presente e crê que pode renovar o embate, dizendo: "tenho o direito de bater em quem me agrediu.

Ora, só há uma maneira de quebrar esse ciclo de ódio!

"Mas a vós, que isto ouvís, digo: Amai a vossos inimigos, fazei bem aos que vos odeiam; Bendizeis os que vos maldizem, e orai pelos que vos caluniam. Ao que te ferir numa face, oferece-lhe também a outra; e ao que te houver tirado a capa, nem a túnica recuses; E dá a qualquer que te pedir; e ao que tomar o que é teu, não lho tornes a pedir." (Lucas 6:27-30)

Quem disse isso foi Aquele que, de fato, tem o direito de julgar todos os homens - e que escolheu morrer por amor a nós, mesmo sendo nós seus inimigos.

"Ele foi oprimido e afligido, mas não abriu a sua boca; como um cordeiro foi levado ao matadouro, e como a ovelha muda perante os seus tosquiadores, assim ele não abriu a sua boca." (Isaías 53:7)

Eis a resposta de Cristo à opressão.

Mas a salvação é resposta dada apenas aos que creem Nele. Porque, para os que não creem, ele agirá com justiça contra a impunidade geral das opressões contínuas.

"Quem crê nele não é condenado; mas quem não crê já está condenado, porquanto não crê no nome do unigênito Filho de Deus." (João 3:18)

E então: como pretende que a sua opressão seja respondida?

FAÇA
TEATRO
Curso Profissional & **NOVELA**
Prepare-se!
crianças
adolescentes
adultos
WhatsApp
98025-1010
vagas limitadas!

Diário de um sujeito



Helvécio S. Pereira

Acho que tenho falado muito sobre situações comuns do dia a dia e sobre pessoas, geralmente patéticas, que povoam todos os espaços e alguns bem junto a cada um de nós. Pessoas essas que a vida compulsoriamente as pune, por meio de acidentes, de crimes, de pataquadas e micos, ou de forma pior a causar tristeza, problemas e até a morte de desavisados e distraídos. Afinal, não estamos em um planeta-paraíso, e muito menos próximo da ideia de um milenar tempo de paz e de perfeição. Prometo, e provavelmente não cumprirei, ser a última vez.

Bem, pobre gosta de aparentar ou se passar por rico e esse esforço patético as vezes é tão visível que nos resta rir ou surpreender. Dia desses, vi, da janela do ônibus (sim, ando de ônibus e transito no mundo, entre as pessoas reais deste mundo de Deus, e não na matrix de algum lunático), um Fox vermelho, coberto sob um telhadinho improvisado ao lado de um barraco improvisado de favela. Quem vê o tal transitar nos bairros de classe média, ao lado das Mercedes A, 160 e 190, aqueles cortinhos e bonitinhos, FIAT's 500 que levam duas pessoas e uma marmita; Smarts for two, além de outros autos não exatamente do ano, icônicos e caros, já puxa a ficha completa do motorista.

Quando alguém tem um fusca em um bairro popular, é certamente muito pobre.

Ao contrário do que afirmou em rede nacional, com apenas 0,08 pontos de audiência, a “jornalulista” Daniela Lima, de que “pobre gosta de coisa boa”, pobre gosta, é verdade, mas muitas vezes só ostenta imitações de marcas caras ou se sacrifica em usar iPhones de versões anteriores para posar com a famosa maçã (e olha que falta um pedaço), e quem sabe se distinguir dos demais pobres como ele. Ser pobre, ou ser confundido com um, e ser trabalhador, não é uma das coisas socialmente mais valorizadas nesta cultura tupiniquim. Malandragem e esperteza, ambas no pior dos sentidos, é o que realmente importa, algo valorizável e admirável, mesmo o cara se ferrando em 24 prestações e comprometendo boa parte do seu suado salário, com um treco capaz de fazer o que um celular de entrada faz igual ou melhor.

Alunos realmente inteligentes e que se omitem de entrar em discussões inúteis, sejam com colegas ou professores, sobre horóscopos, signos do zodíaco (embora esse foi um tema de sucesso há muitas décadas, hoje só verdadeiros idiotas ou candidatos a tal ainda têm esse hábito inútil), ou o superávit do atual governo, se tornam invisíveis.

A ficha de avaliação escolar, dogmática e enfiada goela abaixo, especialmente de pessoas acrílicas, a considerá-la um nobre petisco, só tem razão de existir para eles mesmos, para mantê-los no estado confortável de mendicância intelectual: “Se expressa com clareza” [sic], quase sempre marcado como “não”; para os que real-

mente prestam atenção em tudo nas aulas, a fim de evitar cansaço e gasto de energia, nada comentam. Já os sensivelmente burros com Q.I.'s inferiores ao de uma formiga (formigas possuem apenas um ou dois pontos de Q.I. mas, inferiores em tamanho, ganham de lavada de milhões de balões consumidores de sanduíches do McDonald, logo, formigas conhecem as suas vidinhas o suficiente para não serem enganadas, coisa que os "letrados" de hoje desconhecem totalmente; mas como se localizar em qualquer ambiente sendo cego, e surdo, e sem GPS?) são verborrágicos, de um falatório ordinário e banhado em álcool, drogas, putaria e, no mínimo, ausência de senso crítico e intelecto abaixo do mediano. A prova está nos índices de saúde mental e nos testes de inteligência, que avaliam o brasileiro como um dos mais medíocres entre os mais medíocres do planeta.

Voltemos ao ponto inicial: vi o rapaz de classe média alta, tido como burguesinho pelos aprendizes de neocomunismo, tanto ou mais burgueses que ele, em uma bicicleta cara, modelo diferenciado, rodas pequenas, e dobrável, transitando por uma ciclovia. Pobre, além de não pagar o preço da dita cuja, teria vergonha de pedalar, pois o aspecto era de uma bicicleta infantil, mais pelo tamanho das rodas, a destoa do marmanjo de capacete caro, especial para ciclistas profissionais, sem cores chamativas, como pobre metido a atleta, e a besta, gosta de usar.

Não pretendo mudar o mundo, pelo menos não mais, já que inevitavelmente quem for eleito ou tire das nádegas novas leis tentando desentortar a sociedade, marcha inexoravelmente para o apocalipse. Não sou fatalista, mas as profecias bíblicas, e até algumas apócrifas, não sinalizam para um futuro alvissareiro e cada vez mais próspero, ao

menos para os não distraídos de plantão. O que espera cada um dos mais metidos, fúteis e insossos Homo sapiens, infelizmente, ao que parece, é realmente algo inevitável e a não cheirar bem. Qual seria a salvação, disponível a todos que não quiserem se lascar juntamente com eles?

Tudo começa com a percepção. A cultura "Woke" está errada e a inspiração foi descaradamente roubada de uma ideia surgida na década de cinquenta. Acordar e se perceber não é uma invenção da roda dos proclamadores dessa cultura espúria e que já destruiu muita gente, mas acordar e se aperceber um idiota no meio de uma massa imensa de idiotas, já seria um bom começo.

"Não vos conformeis com o mundo", está nas Escrituras Sagradas, e endosso completamente a assertiva do apóstolo Paulo. Conformidade com um mundo, um espaço, bem-conceituado pelo filósofo marxista Pierre Bourdieu (nesse ponto, ele parece certo), em que o campo, o mundo, pode ser o mundo fora do espectro religioso ou dentro dele. O perigo não está somente lá fora, como na série "Arquivo X", o mundo está apenas um passo fora do nosso eu. Se não houver uma verdadeira fortaleza interior, algo cultivado na alma e o que alguns chamam de espiritualidade e fé; se não houver uma reconciliação com o Criador, como prega o verdadeiro cristianismo...

Complete a frase, por favor, se tiver coragem e não for patético.



Helvécio S. Pereira é compositor, músico, escritor, artista plástico e professor.
helveciop1@gmail.com

“A Bula do Placebo”



ebook: R\$ 9,99

amazon.com.br ou kalamos.com.br

CRISTÃO

por Michel Salomão

Tem muita gente que lê a Bíblia e não entende essa questão dos sacrifícios de animais, que foi uma prática que pode ter sido iniciada por Abel, até que Deus resolveu enviar o seu filho Jesus para se colocar no lugar deles, quando se transformou no “Cordeiro de Deus”. Esta solução pode parecer muito estranha, visto que bastaria proibir a matança dos bichos, além de mandar uma chuva de raios nas cabeças dos pecadores, e assim só restariam os verdadeiros fiéis. Mas o problema é que, desse jeito, correria o risco de não sobrar ninguém.

Não se pode questionar os métodos utilizados por Deus. Deus é Deus, pronto e acabou. Ele é quem manda. Nos tempos do Antigo Testamento, era bem mais rigoroso e decidia com energia as questões, como quando provocou o dilúvio, lançou pragas no Egito, mandou guerreiros como Josué eliminarem os inimigos do povo escolhido, e isso incluía homens, mulheres, velhos, crianças e até os animais. Depois, percebeu que não adiantava nada, pois o povo escolhido também se corrompia com extrema facilidade, e foi assim que teve a ideia de passar a régua, enviando o seu filho, Jesus, para pagar pelos pecados da humanidade, dos que haviam cometido e dos que haveriam de cometer. Mas o povo interpretou errado: “Jesus morreu por nós, assumindo todos os nossos pecados? Estamos salvos! Huuuuhuuuu, vida loka: vamos chutar o balde”.

Jesus ensinou que, para serem salvas, as pessoas precisariam obedecer os mandamentos de Deus e perseverar até o fim. Mas também falou que o maior mandamento era o amor, e uma vez mais as criaturas entenderam errado e saíram fornicando umas com as outras, e roubando e matando e fazendo todos os tipos de coisas erradas, assim como aconteceu em Sodoma e Gomorra.

Não somos capazes de entender a razão de tanta injustiça e corrupção, a morte de inocentes, crianças que nascem com doenças horríveis, incêndios, terremotos,

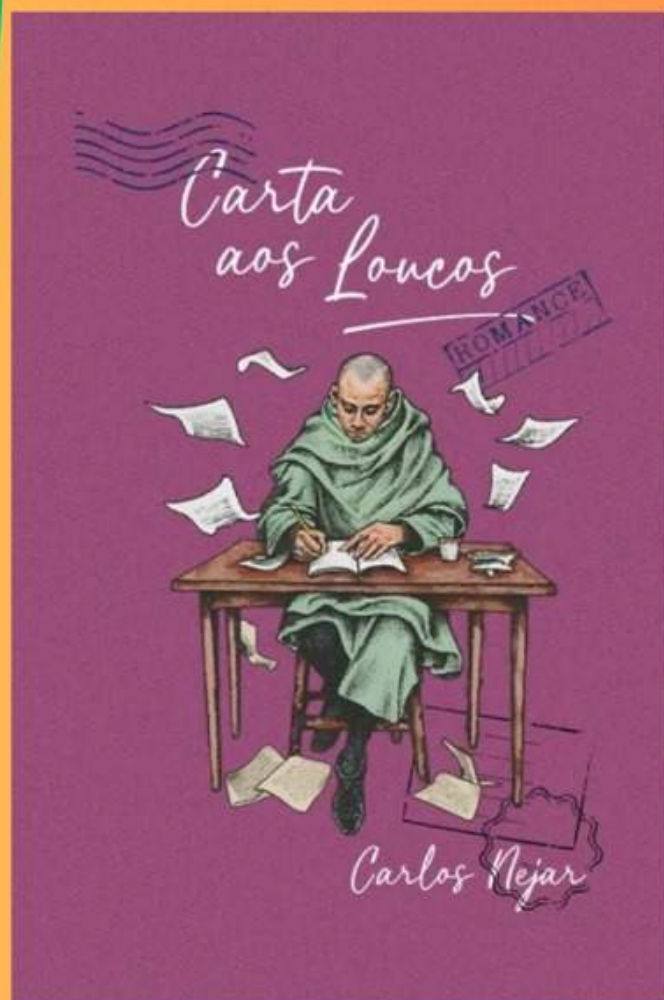
tsunamis, mas é preciso lembrar que, quando Lúcifer caiu, milhões de anjos caíram junto com ele, pois haviam feito uma rebelião lá no céu, e vieram parar exatamente, aqui, na Terra. Este planeta é muito lindo, cheio de atrações incríveis como a Disneyworld, mas virou a moradia dos capetas, muitos deles se tornando presidentes, ministros, deputados, senadores, advogados, corretores de imóveis, vendedores de seguros, pastores neopentecostais, flanelinhas, entre outros, resultando esse caos que vivemos nos dias de hoje. Apague isto: era só zoeira. Tenho a triste mania de brincar com coisas sérias.

Tudo ia bem no paraíso, até que Adão e Eva pisaram na bola. Caíram em tentação, instigados pelo Coisa Ruim. Almejaram o poder de Deus, comendo o fruto do conhecimento do bem e do mal, que era a ÚNICA coisa que não deveriam fazer. É por causa dessa “queda” que acontece tanta desgraça neste mundo, que se tornou o ambiente perfeito para Satanás, e ele tenta fazer com que o cristão também caia, principalmente após a conversão, que é o período mais delicado para aquele que busca a salvação, pois é quando aparecem ainda mais “tentações”, que variam de pessoa para pessoa, na forma de dinheiro fácil, sexo, pornografia, carros, joias, álcool, drogas, ou até um simples BigMac, e tem gente que questiona que essas coisas já estavam previstas para acontecerem, considerando que a conversão não era verdadeira, e que só os predestinados possuem a carteirinha garantida para o céu, mas o legal é que Deus perdoa a todos, por intermédio de Jesus, os que verdadeiramente se arrependem.

As igrejas estão cheias de pecadores, de gente doida, esquisita, sofrida, e assim quem está de fora pode pensar que tudo não passa de encenação e hipocrisia, mas, calma, não é bem assim: muitas dessas estão tentando não errar novamente, e algumas até conseguem de verdade. As vagas são limitadas. Tente você também garantir a sua.

Bulunga e Editora
Monergismo sorteiam o
novo romance de Carlos
Nejar

Serão dois
exemplares



Envie email para revistabulunga@gmail.com e
escreva: "Quero participar do Sorteio". Os
ganhadores serão divulgados na edição de
dezembro/24, e receberão os livros inteiramente
grátis.

Saiba mais sobre o livro: editoramonergismo.com.br

OS PASSOS DA LEMBRANÇA

Rosemare Gomes

Não sei por que essa tristeza Paixão, o namoro termina, mas a vida continua; você precisa saber, na época em que namorei seu pai e o conheci. Em nosso tempo, namoro era coisa séria, eu e seu pai éramos vizinhos e, desde criança, estávamos prometidos um ao outro. Então, com 15 anos casamo-nos, ele com 18 anos, e o enlace era para toda a vida, mesmo com as dificuldades da roça; e se o homem não quisesse ficar casado, tinha que sumir da cidade. Sua tia, a irmã do seu pai, a tia Cotinha, certo dia, em que o esposo chegou em casa, encarou-a, voltou para fora, subiu no cavalo, se mandou e até hoje ninguém teve notícias dele.

Não contive o riso, na verdade, chorei de tanto rir.

Antigamente, quando a palavra de um homem e o fio do bigode tinham peso, tinham valor, o homem falava e pronto: ninguém questionava! E se saísse de um relacionamento porque quis sair, deixasse ir, pois ele manteria a sua palavra e não retrocederia, e os antigos diziam: “Deixa que vá! Foi Deus que não quis!”; e o homem não voltava atrás, era vergonhoso voltar, era um tipo de orgulho que não se vê hoje... Fique sabendo Paixão, ninguém conserta ninguém! Quando a pessoa não quer enfrentar a realidade e as consequências de um fracasso, arruma desculpas para encobrir suas falhas e pecados. Já cansei de ouvir: “Vou ficar com ele!... Vou ficar com ela!”... mas isso não existe de verdade, pois acham que com o tempo se mu-



da nada, Paixão!

Acontece que em um relacionamento as coisas vão se encaixando, ambos se tornam flexíveis, ou cede-se aqui e acolá para não haver conflitos desnecessários. Na minha época, as mulheres tinham os seus deveres de mulher: a casa, os filhos, o marido, mas com o passar do tempo as coisas foram mudando, mas mesmo assim há diferenças, pois as mulheres sabiam dizer não e também educavam os filhos, e sabiam tomar posição de mulher, renunciavam muitas coisas para criar os filhos, cuidar da família, manter a ordem no lar. Muitas decisões eram tomadas pelo homem, e pronto! No geral, eram resolvidas por ele. As mulheres não intervinham em certos assuntos, as vezes eram proibidas de dar pitacos; havia pouca liberdade de escolha para elas. Havia uma certa divisão: o mundo dos homens e o mundo das mulheres...

Risos... novamente, não me dominei. ... Embora ainda tenhamos uma vida simples, temos TV, fogão a gás que só é usado quando tem visita, pois tudo é feito no fogão à lenha. Realmente, a modernidade está chegando a galope. Antes andava-se a pé ou no lombo de uma mula até a torradeira de farinha de meus pais. Nunca tive a oportunidade de ir a uma escola na

minha vida. Não sei assinar o meu nome. Comovi-me, e não resisti a interrompê-la:

Agora, a senhora quer me fazer chorar. Até me esqueci do namorado... Estou triste de novo, mas pela vida triste que teve. Eu, ao menos, fui à escola.

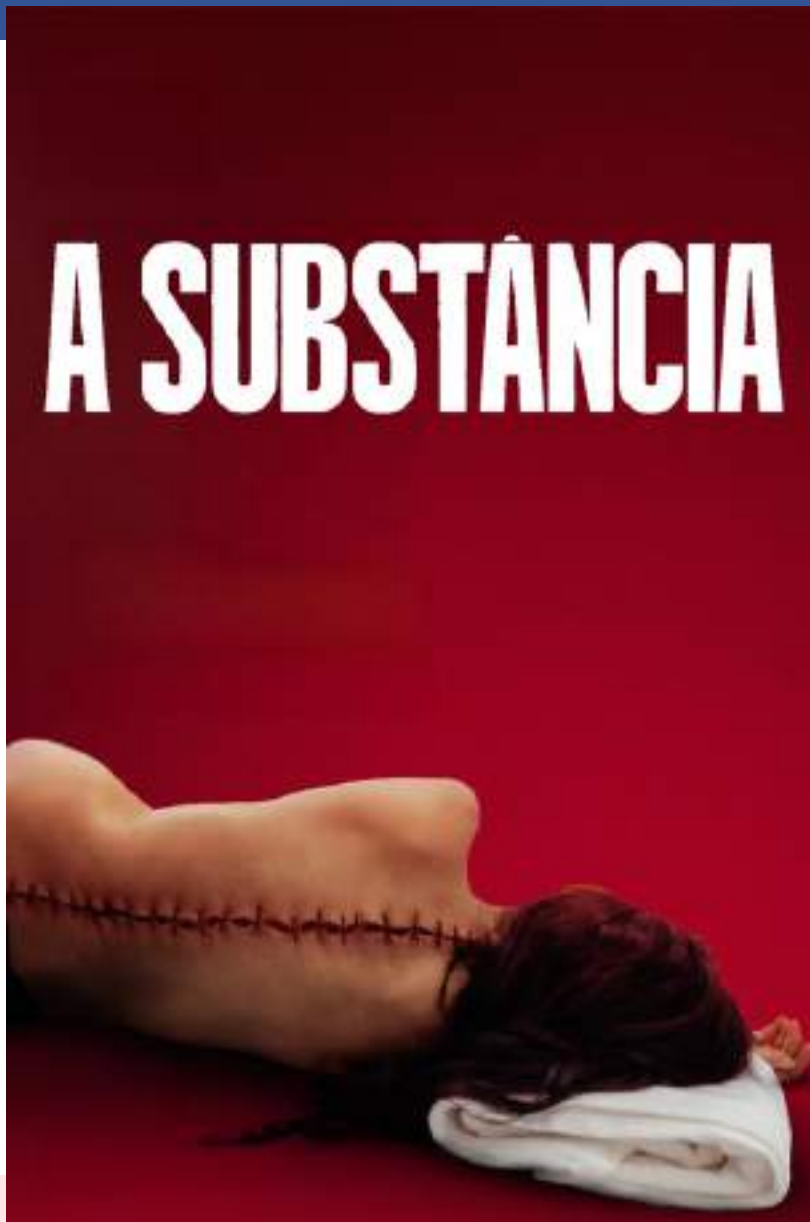
Paixão, fique sabendo que foi na roça, plantando e fazendo comida para os peões da fazenda, que eram uns 50 homens, que passei a vida. Mesmo assim, tenho saudades daqueles tempos... Hoje, com toda esta modernidade, trens e bondinho que eu pouco uso, ainda tenho boas lembranças da roça, dos animais do campo vasto, dos rios, das árvores e seus frutos...

Nisto, seus olhos encheram-se de água. Eu era seu divã. Quando ela queria desabafar, me tirava da minha tristeza e me colocava na tristeza dela. Hoje, fico pensando em seus conselhos. Eram sábios, e para isso não se precisa de diploma, para escrever bem. O diploma é observar a vida, os processos pelos quais cada um passa para sobreviver. No final, tudo era resolvido ou ficava no passado, retido nas lembranças. E o passado era tão bem guardado que os segredos, finalmente, eram levados para o túmulo.



Rosemare Gomes é escritora, pedagoga, professora e teóloga.
rocharosemare@gmail.com

SPOILERS



A Substância é a coisa mais ridícula, estúpida, patética, burra, ilógica, repugnante, nojenta e revoltante já feita pela indústria do cinema. Algum produtor pacóvio teve a infeliz ideia de fazer um filme e pediu para outro pacóvio elaborar um roteiro; em seguida, convidaram mais um pacóvio para dirigir, contrataram elenco, figurantes, equipe técnica, fizeram um “brainstorm” para decidirem sobre o que filmariam e cada um entrou com uma ideia totalmente absurda, mas resolveram aproveitar todas; porém, tinha alguém gripado no grupo, ele deu um espirro e voou uma meleca amarelada que pregou na parede, daí surgindo a ideia do enredo.

Tudo começa com a imagem de um ovo, tendo a sua gema perfurada por uma seringa e logo surge uma nova gema. O que isso nos leva a pensar? Que alguma coisa vai se multiplicar, fugindo ao controle do experimento, como acontece em todo filme de ficção científica e de terror. Na cena seguinte, aparecem alguns operários fazendo uma placa no chão da “Calçada da Fama” em homenagem a Elizabeth Sparkle, que é a personagem vivida por Demi Moore. Vai anotando aí para não se perder.

Elisabeth Sparkle é uma ex-atriz famosa, na casa dos 60 anos, que havia descoberto um filão para ganhar uma grana legal dando aulas de ginástica na TV (assim como Jane Fonda fez durante um bom tempo), e ela entra em parafuso quando descobre que o chefe da emissora quer substituí-la por uma mulher mais jovem. Ela fica tão abalada com aquilo que acaba tendo um acidente de carro. No hospital, por um proposital acaso, recebe um envelope de um enfermeiro, que contém uma espécie de pendrive com a divulgação de um produto sinistro que permite a criação de uma “cópia” mais jovem da cidadã. E é claro que ela topa.

A negociação é meio esquisita, e ela liga para um número que estava no envelope; na sequência, recebe em sua casa um outro envelope contendo um cartão magnético e um endereço. Ela vai até lá, o lugar é funesto e tem um escaninho com o número correspondente, de onde tira uma caixa com um kit contendo a tal substância, injeções, tubos e orientações básicas de procedimento. E há uma informação de que ela e a criatura que será criada serão a mesma pessoa. Anote isso.

Ao injetar a tal “substância” em seu corpo, ela tem um piripaco e a coluna se rasga, por onde sai uma mulher jovem, pelada, que nada tem a ver com a Demi Moore, que antes disso já estava murcha, flácida e também pelada.

A criatura, que se chama Sue (Margaret Qualley), já nasce sabendo que precisa costurar a pele atrás da coluna da Sparkle (que permanece



desacordada durante todo o tempo), e que tem que extrair uns líquidos estranhos da coluna cervical dela, para depois aplicar em si mesma, para que não morra. Esse procedimento valerá para sete dias. Aí é a vez da jovem “apagar” durante os próximos sete dias, depois de uma nova transfusão, e assim cada qual vai alternando e tocando as suas vidas.

Qual seria a vantagem desse procedimento para a Sparkle? Nenhuma! A criatura é totalmente independente dela, ela não se aproveita de sua juventude, muito pelo contrário: começa imediata-





mente a sentir ciúmes da jovem e ainda por cima passa a ter que ficar apagada em semanas alternadas, porque as duas não podem ficar simultaneamente acordadas. Coisa mais estúpida.

Mas não é só isso: elas não são a mesma pessoa porcaria nenhuma e, obviamente, a jovem consegue o posto da velha no canal de televisão, e assim começa a evoluir na carreira, causando inveja na outra, que, quando acorda, percebe o que a jovem está aprontando.

Mas a Sue tenta desobedecer as regras para permanecer acordada além dos sete dias, pois quer curtir a vida e o sucesso, e assim resolve retirar mais e mais líquidos da coluna da velha, que, com isso, vai ficando ainda mais velha.

Chega uma hora que a Demi, ou melhor, Elisabeth, já está caindo aos pedaços de tão velha, e resolve interromper a experiência, pois lá nos

EUA não existe o Procon, e aplica uma seringa com conteúdo letal na outra, mas depois se arrepende, e assim a jovem desperta e mata a velha na porrada.

No dia da apresentação de um show de natal, onde a jovem seria a atração, ela começa a perder os dentes, a orelha, a vergonha, e outras coisas mais, e foge para o seu apartamento, para aplicar um resto da substância em seu corpo. O resultado é que da sua coluna surge um monstro disforme, parecido com “a bolha”, outro filme de terror que também é um lixo, mas o detalhe é que ela tem a cara da Demi Moore de boca aberta, nas costas. E o monstrengo prende com fita crepe uma foto da Elisabeth

Sparkle no seu rosto, e assim vai até o estúdio onde aconteceria o tal programa de natal. Pode parecer incrível, mas consegue passar pelo porteiro, pelas figurantes e até entra em cena, mas todo mundo ainda demora alguns minutos para perceber que ela é um monstro. Aí uns caras mais exaltados vão até o palco para matá-la, e um deles consegue arrancar a sua cabeça, mas nasce outra instantaneamente, ao mesmo tempo em que um dos braços dela se rompe e vira uma espécie de mangueira, de onde jorra uma infinidade de sangue, inundando toda a plateia, até que alguém consegue explodir o monstro e, para piorar a situação, a cabeça da Demi Moore que sobrou vai se arrastando no chão como se fosse um polvo e consegue chegar na rua, parando em cima de sua estrela na calçada da fama, e por fim se derrete. E o filme termina aí. Duas horas e meia de tempo perdido.



coluna do nelson **TRAMONTINA**



corte rápido

Nelson é nosso correspondente internacional em Tuvalu e, mesmo estando longe, consegue fazer seus "cortes rápidos", respondendo às perguntas dos leitores com comentários secos acerca dos costumes da sociedade e da situação do país em que viveu a maior parte de sua longa vida, até se tornar um respeitável e ranzinza aposentado e comentarista do tempo. E quase sempre acerta, quando palpita se vai chover ou fazer calor.

Nelson, estou com medo de ser preso por causa dessas questões da política. Acordo imaginando que a Polícia Federal vai bater na minha porta, e que serei torturado e obrigado a falar coisas que não fiz. Não entendo nada de política e só participei de umas manifestações porque os meus amigos falaram que ia ser legal. Será que estou ficando louco?

Nelson - Loucos são os outros.

Eu trabalho seis dias por semana e o meu salário não dá para pagar nem a metade das minhas despesas mensais. Agora eles querem reduzir a jornada de trabalho e o meu salário tende a diminuir ainda mais. Como farei para me sustentar?

Nelson - Você votou neste governo? Aguenta.

Conheci uma mulher em uma viagem que fiz ao interior e tivemos uma "esfrega", por cima da roupa e foi muito bom. Passou um ano e agora ela me aparece com um menino de colo e afirma que é meu filho. Você acha isso possível?

Nelson - Vai depender da intensidade desse "es-

frega. Teoricamente, é possível que uma mulher engravide sem que ocorra a penetração. Só posso dizer que se essa criança não for de outro, você é um cara muito azarado.

Nelson, sempre tive a impressão de que era adotado. Não me pareço com o meu pai nem com a minha mãe. Eles são brancos, loiros, tem olhos azuis, e eu tenho os olhos e a pele bem escura e cabelos anelados. Será que estou enganado?

Nelson - Acho que enganado foi o seu pai. Verifique na vizinhança se tem algum sujeito mais velho parecido com você.

Todo mês o meu salário acaba lá pelo o dia 10. Já não sei mais o que fazer.

Nelson - Faça como os ursos: hiberne a partir do dia 11.

O cachorro do meu vizinho fica latindo sem parar no quintal da casa dele e já não aguento mais. Não consigo nem dormir pois o miserável não para de latir um só minuto. Estou entrando em desespero.

Nelson - Compre um cachorro bem maior do que o dele, que seja capaz de pular o muro, para devorá-lo.

Nelson, o meu chefe é muito chato e entre outras coisas fica regulando a minhas idas ao banheiro. Estou pensando em pedir demissão.

Nelson - Faça melhor do que isso: cague nas calças e entre com uma reclamação contra ele, alegando constrangimento, por não permitir que você fosse ao banheiro. Com isso, deve levar uma boa grana por danos morais.